

REFORMADOR

ISSN 1413-1749

REVISTA DE ESPIRITISMO CRISTÃO

FUNDADA EM 21-1-1883

ANO 118 / MARÇO, 2000 / Nº 2.052

Fundador: Augusto Elias da Silva

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

DIREÇÃO E REDAÇÃO

Rua Souza Valente, 17
20941-040 Rio RJ Brasil



INTERNET

PÁGINA NA WEB:
<http://www.febrasil.org.br>

E-MAIL:
feb@febrasil.org.br

Editorial – 500 Anos de Brasil

Egoísmo e Orgulho — Juvanir Borges de Souza

O Orgulho e a Humildade — Lacordaire

Nova Sagres — Luís de Camões

O Primeiro Sentimento — Carlos Augusto Abranches

UNESCO – Manifesto 2000

O Endemoninhado de Gerasa — Albucacys M. de Paula Filho

Comportamentos Agressivos na Infância — Lucy Dias Ramos

A Lição do Lenho — Carlos Bernardo Loureiro

Aspectos da Fé Profunda — Carneiro de Campos

A Roupas de Ver Deus — Richard Simonetti

A Boa Floração — Marcelo Paes Barreto

Em Defesa da Vida — Affonso Soares

Esflorando o Evangelho — Ricamente — Emmanuel

Allan Kardec e o seu Nome Civil — Washington Luiz Nogueira Fernandes

O Espiritismo Perante o Evangelho — José Soares de Almeida

Estatuta Espiritual — Iaponan Albuquerque da Silva

A FEB e o Esperanto — O Futuro Chegou! — Ismael de Miranda e Silva

Trovas do Além — Toninho Bittencourt

O Poder do Amor — Paulo de Tarso São Thiago

Preparação Para a Morte — Umberto Ferreira

O Legado de Paulo — Mauro Operti

Servir a Deus e a Mamom — Robinson Soares Pereira

Descartes e os Valores Espirituais — Ricardo Di Bernardi

Retificando...

A Aprendizagem do Adulto na Sociedade Espírita — José Antônio Luiz Balieiro

Givaldo de Assunção Tavares — Gérson Luiz Tavares

Seara Espírita

Conferência Espírita Brasil-Portugal

Assinatura de Reformador Edição Impressa

Seja Sócio da FEB

Nota: Nossa capa está este mês ilustrada com um precioso livro de poesias, cujo título, "Momentos com Jesus", já mostra a elevação dos pensamentos do autor, nosso confrade Mário Frigéri, também colaborador desta Revista. Prefaciando o livro diz Juvanir Borges de Souza: "É (...) com profunda alegria que constatamos a existência de poetas espíritas, imbuídos da idéia imortalista e consoladora, que se colocam a serviço da beleza em conjugação com o pensamento elevado, de alto teor espiritualizante."

Editorial

500 ANOS DE BRASIL

Estamos prestes a comemorar o acontecimento histórico do descobrimento do Brasil pela frota de Pedro Álvares Cabral.

Toda a estrutura social brasileira, os Poderes Constituídos, as Universidades, as escolas mais humildes, os órgãos representativos das classes sociais, todos os que fazem parte da nação brasileira estão voltados para esse marco inicial da história do “Coração do Mundo”.

Costuma-se afirmar que o Brasil é uma nação jovem, como de resto o são todas as que se situam na América, cujos territórios só se tornaram conhecidos com os grandes descobrimentos marítimos do Ocidente, iniciados por Cristóvão Colombo.

Realmente, diante dos antigos povos e civilizações da Ásia, da África e da Europa, cujas histórias se desenvolvem em milênios, são muito novas as nações americanas.

Justifica-se o júbilo pelos 500 anos do descobrimento das terras onde todas as raças humanas encontrariam campo propício à confraternização, independentemente das etapas difíceis pelas quais suas populações crescentes teriam que passar.

Inicialmente território de indígenas, seus habitantes primevos, depois colônia do minúsculo Portugal, seu descobridor e defensor contra holandeses, ingleses, franceses, espanhóis e que conseguiu manter sua integridade territorial de oito milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados e de oito mil quilômetros de costa marítima, por mais de três séculos.

Proclamando-se independente desde 1822, o Brasil atravessou o século XIX como Império e constituiu-se em República em 1889, sem as lutas violentas de outros povos, mantendo-se uno e indivisível.

Esse, em síntese, o “Coração do Mundo”.

A “Pátria do Evangelho” está sendo construída, a qual depende da conscientização e da aplicação das gerações sucessivas que aqui aportarem.

O Movimento Espírita, consciente de seus deveres perante a Doutrina Espírita, inclusive no tocante ao conceito de pátria, que devemos entender em sentido universalista, para que não haja prejuízo das idéias fraternais, resolveu também comemorar o descobrimento do Brasil.

Fá-lo-á através da Conferência Espírita Brasil-Portugal, a realizar-se de 16 a 19 de março, em Salvador, Bahia, o território onde aportaram os descobridores.

É uma promoção das Federações Espíritas Brasileira e Portuguesa e realização da Federação Espírita do Estado da Bahia, em estreita cooperação.

Na Conferência, que terá as dimensões de um Congresso Espírita, serão abordados marcos históricos da evolução da Humanidade, temas do Espiritismo no Brasil e em Portugal, com a proposição central “Amor e União: Bases da Ação Espírita no século XXI”.

Os espíritas do Brasil e de Portugal, sem excluir os irmãos de ideal de outras pátrias, esperamos que resultem desse Encontro mais União, Fraternidade e Trabalho. ●

Egoísmo e Orgulho

JUVANIR BORGES DE SOUZA

O egoísmo produz o orgulho. Esses dois vícios morais geram todo o mal existente, que é tudo que contraria a lei de Deus, a lei natural.

Por isso, todo o ensino moral da Doutrina dos Espíritos, baseado na Mensagem de Jesus, consiste em combater o egoísmo e o orgulho, geratrizes de todas as mazelas e imperfeições humanas.

Como as instituições humanas são o reflexo das individualidades de seus componentes, também os organismos sociais estão impregnados dos mesmos males que caracterizam o nosso mundo.

Onde permanecem interesses egoísticos e derivados do orgulho — vaidade, inveja, ciúme, personalismo — não prosperam os sentimentos de amor e justiça, sínteses das leis morais.

Daí a importância primordial da educação e reeducação dos sentimentos que o Espiritismo, repetindo os ensinamentos morais do Cristo, oferece ao homem.

A transformação moral da Humanidade depende do êxito no combate ao egoísmo e ao orgulho, no qual estão empenhadas as forças do Bem.

Há uma correlação estreita entre a condição da Terra — mundo de expiações e provas — e sua população, constituída de Espíritos imperfeitos, encarnados e desencarnados.

Mas, assim como a Humanidade progride, como decorrência natural da evolução, também nosso orbe atingirá condição melhor de mundo regenerado.

O “fim do mundo” em que vivemos deve ser entendido, assim, não como a sua destruição física, mas como sua transformação pela depuração moral de seus habitantes, pela substituição dos valores negativos do egoísmo e do orgulho, que os caracterizam, pelos valores positivos do amor, da humildade, da fraternidade.

Todas as leis naturais, compreendendo as leis de adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade, justiça, amor e caridade, estudadas e desenvolvidas na Terceira Parte de “O Livro dos Espíritos”, constituem o ensino moral da Doutrina dos Espíritos.

Nela está indicado tudo o que se deve fazer ou deixar de fazer para que o homem se torne melhor, no combate permanente às imperfeições derivadas do egoísmo, do orgulho e de seus conseqüências.

A todos os homens é facultado conhecer essas leis, através de múltiplas formas, pelo estudo, pela observação, pelo auxílio das religiões e das filosofias, pela exemplificação e pela transmissão providas dos semelhantes, ou pela própria consciência de cada um.

Acontece que, mesmo conhecendo a lei, nem sempre o homem a vivencia em suas ações, já que é grande, de outro lado, a influência que recebe do mundo material que o cerca, conduzindo-o aos pensamentos e atos contrários à determinação divina.

A inferioridade dos habitantes de um mundo atrasado, como a Terra, decorre justamente da vivência egoística, personalista, em desacordo com a lei natural, opção da criatura no uso de sua liberdade de escolha.

Entretanto, apesar dos erros, dos enganos, da opção por ínvios caminhos, o determinismo da lei é o progresso, a ascensão da alma.

Para isso necessita o Espírito repetir experiências, retificar desacertos, corrigir desvios, aprender e reaprender através de uma vida, ou de múltiplas existências. É a lei das reencarnações, conjugada à lei de causa e efeito, a serviço da evolução, em harmonização perfeita com todas as determinações divinas.

•

O egoísmo, diz Allan Kardec, é um mal que se alastra por todo o mundo, atingindo a

todos nós. Combater suas causas é o objetivo da educação do Espírito, para sua redenção, em programa que se desenvolve por múltiplas vidas, tal a dificuldade natural do empreendimento.

Acrescenta o Codificador que a chave do progresso moral é a educação, convenientemente compreendida, abrangendo não somente o enriquecimento intelectual, mas sobretudo a arte do direcionamento dos caracteres, arte que reclama muito tato, grande experiência e profunda observação.

Do egoísmo provêm todos os vícios morais.

O interesse pessoal estimula as ações egoísticas, especialmente em um mundo material como o nosso, onde a busca incessante dos bens, da riqueza, da posição social, da fama, dos títulos e do bem-estar material são constantes.

A compensação para contrabalançar a influência permanente das coisas materiais estará no interesse pelos valores espirituais.

É preciso despertar em cada indivíduo, para contrapor-se às influências negativas, a percepção das realidades, o conhecimento de si mesmo, como indicava o filósofo grego, e, para tanto, nada supera a Revelação Espírita, que repete os ensinamentos do Cristo de Deus e acrescenta coisas novas a respeito da vida espiritual, que jamais cessa e que se desdobra pela eternidade.

De modo geral, os que habitamos este orbe somos portadores do egoísmo. As exceções correm por conta dos que estão na última etapa de sua experiência terrena.

É um mal real, que requer a atenção de todos nós. Ele está por toda parte, nos indivíduos, desde as crianças até os mais velhos, no seio das famílias, nas sociedades humanas, nos organismos sociais, nas raças, nas civilizações.

Dir-se-ia que o egoísmo é o característico específico dos habitantes da Terra, em todas as épocas.

Por isso merece ser combatido, com vigor, em suas causas, na sua raiz, através da reeducação que implante o conhecimento das leis divinas, a proscrição de usos e costumes que o realcem, a substituição das leis humanas iníquas por outras que favoreçam a fraternidade e a solidariedade, com a proscrição definitiva das guerras e da violência.

Como se observa, é vasta e difícil a tarefa de combate ao egoísmo, que avassala a Humanidade toda.

É obra de educação, que a Doutrina Consoladora, compreendida, divulgada e aceita propõe como solução para a Humanidade.

Mas é tarefa dos próprios homens.

•

Ao lado do egoísmo, o outro flagelo da alma humana é o orgulho, que gera a vaidade e a inveja, a ambição desmedida, a presunção e tantos outros males que se opõem à humildade, a virtude básica para o crescimento espiritual.

O orgulho, cultivado individualmente, atinge os grupos sociais, as raças e as nações, transformando-se em força destruidora da harmonia que deveria existir entre os homens.

Quantas guerras, no curso dos séculos, tiveram suas causas no orgulho desmedido de um homem, ou de um pequeno grupo de ambiciosos e vaidosos, incapazes de medir conseqüências terríveis de seus atos e procedimentos!

O orgulhoso, o vaidoso é, via de regra, também invejoso, por não suportar a superioridade alheia.

Mal real da Humanidade, o orgulho individual ou coletivo produz vítimas por toda parte, indiscriminadamente, pela insensibilidade daqueles que não percebem suas conseqüências, mas que retornam sobre a própria fonte.

Não é fácil a ninguém livrar-se do orgulho e da vaidade, do ódio e da inveja, da ambição desmedida e da cupidez, do ciúme e de todos os vícios morais, causadores das dissensões, das incompreensões, das inimizades, das rejeições e das indiferenças.

O orgulhoso, o presunçoso, o personalista não respeitam a opinião que não se ajuste à sua. Para eles a humildade é sempre sinal de fraqueza e, portanto, desprezível.

O cego narcisismo apossa-se da personalidade e nela se fortifica, resistindo a quaisquer ponderações.

Para o orgulhoso não importa a verdade, a realidade dos fatos. Tudo há que ajustar-se ao seu interesse, à sua opinião. Não admite, por falta de visão, que seus conhecimentos e seu

raciocínio estejam prejudicados por sua postura moral.

Passando à vida espiritual é triste e lamentável a situação do orgulhoso e do vaidoso, já que deixam de possuir os suportes materiais da riqueza, ou da posição social, para sustentação de suas ilusões.

Falta ao orgulhoso, afora os conhecimentos esclarecedores, o poder de reflexão e a sensibilidade necessária para projetar, além da vida física, as condições da vida futura.

Em geral não se interessam os orgulhosos pelos ensinamentos morais das religiões, com suas advertências de ordem moral. A vida futura pouco lhes interessa.

•

Egoísmo e orgulho, essas duas chagas que continuam a afligir a Humanidade, não subsistirão indefinidamente em nosso mundo.

Seu império sobre os bilhões de criaturas terrestres durará enquanto forem minoritárias as forças resultantes do Amor e da Justiça, fundamentos para a ascensão humana na Era do Espírito.

Nessa Nova Era, o Amor e a Justiça substituirão o egoísmo, e a Humildade e a Fraternidade ocuparão o lugar do orgulho nos corações humanos.

A Mensagem do Cristo e o Consolador, que já estão na Terra, serão os propulsores da construção do mundo regenerado. •

O Orgulho e Humildade

A humildade é virtude muito esquecida entre vós. Bem pouco seguidos são os exemplos que dela se vos têm dado. Entretanto, sem humildade, podeis ser caridosos com o vosso próximo? Oh! não, pois que este sentimento nivela os homens, dizendo-lhes que todos são irmãos, que se devem auxiliar mutuamente, e os induz ao bem. Sem a humildade, apenas vos adornais de virtudes que não possuíis, como se trouxésseis um vestuário para ocultar as deformidades do vosso corpo. Lembrai-vos dAquele que nos salvou; lembrai-vos da sua humildade, que tão grande o fez, colocando-o acima de todos os profetas.

O orgulho é o terrível adversário da humildade. Se o Cristo prometia o reino dos céus aos mais pobres, é porque os grandes da Terra imaginam que os títulos e as riquezas são recompensas deferidas aos seus méritos e se consideram de essência mais pura do que a do pobre.

LACORDAIRE

(“O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec. 116. ed. FEB, cap. VII, item 11. Transcrição parcial.)

Nova Sagres

Pátria minha, porque me entendes morto,
E, portanto, acabado me presumes,
Estranhas que te fale deste porto,
Que deserto supões, e crês sem lumes.
Amar-te, todavia, é meu conforto,
Inda que em denso olvido tu me enfumes,
Porquanto o amor, que vero e bom se preza,
Pode esquecido ser, mas não despreza!

Deste plano mais alto, mais se avista,
E juízos se faz bem mais isentos...
Tu, porém, me ressurges sempre, à vista,
Clara de sol e airada de bons ventos!
Mesmo que veja em ti sombra que exista,
Jamais fui de me dar a vãos lamentos.
Eu creio firmemente em teu destino,
Bem sofrido, talvez, mas peregrino!

Se d'algo prevenir-te assaz quisera,
É duma Nova Sagres que em ti nasce...
Escola que prepara a primavera
Dum novo dia que te surge à face.
Nova luz para a Europa, em nova era,
Quis Deus que do teu solo se elevasse:
Espírita, de certo, e Portuguesa,
Nossa Federação, nossa riqueza!

Helil apresta o Exército que reme...
Volve à trincheira o glorioso Infante!
Portugal se reergue, qual gigante,
Do Velho Mundo novamente ao leme!
Cristo abençoa o pavilhão flamante
Que nos céus lusitanos brilha e treme:
Jesus, Kardec e Amor — lema sublime,
Nessa bandeira célica se imprime!

Excelsa vocação dum grande povo:
Mundos ocultos descobrir às gentes!
Agora, em mares de ideais, de novo
Tem-vos o mundo, ó bravos lusos crentes!
Não é de balde que vos canto e louvo,
Companheiros amados e valentes!
Deus salve a Lusitânia, nobre e santa!
Deus salve Portugal que se levanta!...

LUÍS DE CAMÕES

(Poema ditado a Hernani T. Sant'Anna, em 7-1-1977.)

O Primeiro Sentimento

CARLOS AUGUSTO ABRANCHES

Você já parou para pensar sobre o primeiro sentimento que lhe vem à emoção, assim que abre os olhos, pela manhã? Mais importante do que isso, já refletiu sobre a influência desse sentimento sobre as horas seguintes de seu dia?

Imaginemos a conduta do pensamento, que é um processo diferente do sentir, de alguns personagens do cotidiano, para depois traçarmos parâmetros de comparação.

O empresário desperta e pensa:

— Meu Deus, hoje vai ser um dia terrível. Tenho de fazer o pagamento dos meus funcionários.

O empregado acorda e logo raciocina:

— Hoje vai ser um dia feliz e triste para mim. Vou receber o salário na empresa e dissolvê-lo quase todo na prestação do aluguel e de outras contas, para continuar sofrendo sem grana pelo resto do mês!

O motorista de ônibus:

— Lá vou eu para mais dez, onze horas de trabalho duro, agüentando aqueles passageiros grossos, mal-educados e apressados. Vai ser dose pra leão!

O professor:

— Não acredito! Hoje é dia de dar aula para aqueles pestinhas da sétima série. De tanta raiva que fico, dá vontade de bater em uns quatro da turma.

•

Seja qual for o pensamento, qualquer pessoa passa inevitavelmente por duas situações em seu dia, a do contato direto consigo mesma e a das relações com todos que lhe partilham as experiências individuais.

O que é preciso destacar é a influência marcante que o primeiro sentimento tem na seqüência de pensamentos. Em outras palavras, pensar é um reflexo das inúmeras opções de sentir que tomamos ao longo do dia. Pensamos sobre o que nos desperta valor, investimos energia emocional em tudo que interessa ao coração.

A recomendação dos Espíritos amigos é sempre a mesma, no que se re-fere à vigilância dos primeiros minutos do dia. Acordar bem significa sintonizar na faixa superior da prece, a fim de arejar as impressões do que há de vir, pelas próximas 24 horas.

Se alguém duvida da força desta conduta, faça um exercício consigo mesmo. Comprometa-se a orar com interesse por sua própria tranqüilidade e avalie a força interior que lhe dominará as impressões. Não há afirmação mais precisa e científica do que esta, que lhe faço agora. Realize o teste e confirme por si mesmo.

•

O rapaz reconhecidamente irado desperta e lembra-se do recado da espiritualidade. Ora e levanta-se. Ao sentar-se à mesa para o café da manhã, o primeiro contratempo. A torrada que pretende comer quebra-se em vários pedaços e cai, com o lado da manteiga virado para o chão. Normalmente, a reação dele seria de raiva e de um descontrolado chute no pé da mesa. Mas o sentido desperto pela prece matinal faz com que antes ele respire fundo, abaixe-se, junte os pedaços e dê uma chance a si mesmo, afinal a torrada partiu-se porque ele passou a faca com uma força além do necessário. Da próxima vez, promete a si mesmo ser mais delicado.

A garota costumeiramente nervosa teve noite difícil de sono. Discutiu com os pais e o namorado; ela sabe que quando isso acontece, quem acaba levando a pior são os colegas de trabalho, que nada têm a ver com a situação.

Naquele dia, no entanto, ela se recordou da prece. Durante o relaxamento que sentiu ao orar, optou por enfrentar um desafio livremente assumido: não permitiria que seu estado emocional interferisse no contato com os parceiros do serviço. Foi para a repartição, viveu diversas contrariedades, mas diante de cada uma, trazia à mente o trato que fez consigo própria.

Ao fim do dia, voltou para casa sem carregar o fardo emocional das vibrações de desagrado dos colegas, sempre difíceis de serem jogadas fora.

O pai de família teve uma jornada trabalhosa, no dia anterior. Ele é motorista de uma grande empresa na capital. O patrão irritado obrigou-o a fazer cinco viagens, de um extremo a outro da cidade, só para transportar o filho pré-adolescente, ora para o treino do futebol, ora para o ensaio da bandinha de rock, e tudo isto tendo de suportar a péssima educação do garoto.

Mas, como que disposto a agir diferente, no dia seguinte, logo pela manhã, ele decidiu orar. E os efeitos da mudança de faixa mental surgiram assim que saiu de casa, rumo ao trabalho. Na primeira esquina, um motorista abusado fechou-lhe o caminho, e ele recordou-se da prece, em que pediu, com sinceridade no sentimento:

— Hoje, farei o possível para não me irritar no trânsito. Agirei para que permaneça tranqüilo diante de qualquer contratempo. Mesmo na preferencial, darei passagem a quem parecer desesperado ao volante. Não permitirei que a pressa tome conta de mim, e nem que a ansiedade me faça concluir equivocadamente que todos devem sair da minha frente, que as mulheres são péssimas motoristas, que preciso voar para chegar sempre em vantagem.

O dia correu como todos os outros. Muito engarrafamento, trânsito difícil do serviço até em casa. Mas, naquela noite, ele sentiu a diferença. Dormiu relaxado, porque não trouxe para o travesseiro pesos inúteis sobre os ombros já ocupados por tantas responsabilidades.

•

As situações do cotidiano são inúmeras, e a que se encaixa em nosso caso pessoal talvez não tenha sido citada neste artigo. Não há problema. O que vale é guardar a sugestão básica aqui oferecida: o primeiro sentimento a entrar em nosso coração, assim que despertamos, tem a força de definir o teor de nossas experiências durante o dia.

A disciplina da prece não vai nos fazer santos da noite para o dia, mas pode deixar-nos melhores um pouco do que fomos no dia anterior, ao nos predispor para um contato mais equilibrado com a realidade.

A prece matinal dá-nos a chance de sermos donos de nosso tempo. E um dia bem vivido, emocionalmente falando, significa noite bem dormida, com boas possibilidades de encontros felizes, no plano espiritual. Com certeza, desta forma fica mais fácil acordar bem disposto e orar com serenidade.

A proposta é esta: fazer isto agora, para sermos melhores amigos, companheiros e irmãos, durante todos os dias que haverão de vir. •

UNESCO

Manifesto 2000

Por Uma Cultura de Paz e Não-Violência

O Ano 2000 deve ser um novo começo para todos nós. Juntos, podemos transformar a cultura de guerra e violência em uma cultura de paz e não-violência.

Essa evolução exige a participação de cada um de nós para dar aos jovens e às gerações futuras valores que os ajudem a forjar um mundo mais digno e harmonioso, um mundo de justiça, solidariedade, liberdade e prosperidade.

A cultura de paz torna possível o desenvolvimento duradouro, a proteção do ambiente natural e a satisfação pessoal de cada ser humano.

Reconhecendo a parte de responsabilidade ante o futuro da humanidade, especialmente com as crianças de hoje e de amanhã, me comprometo, em minha vida diária, minha família, meu trabalho, minha comunidade, minha região e meu país a:

1. respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminar nem prejudicar;
2. praticar a não-violência ativa, repelindo a violência em todas suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular ante os mais fracos e vulneráveis, como as crianças e os adolescentes;
3. compartilhar o meu tempo e meus recursos materiais, cultivando a generosidade, a fim de terminar com a exclusão, a injustiça e a opressão política e econômica;
4. defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, privilegiando sempre a escuta e o diálogo, sem ceder ao fanatismo, nem à maledicência e o rechaço ao próximo;
5. promover um consumo responsável e um modelo de desenvolvimento que tenha em conta a importância de todas as formas de vida e o equilíbrio dos recursos naturais do planeta;
6. contribuir para o desenvolvimento de minha comunidade, propiciando a plena participação das mulheres e o respeito dos princípios democráticos, com o fim de criar novas formas de solidariedade.

(Este Manifesto foi aprovado pelo Conselho Federativo Nacional, na Reunião Ordinária de 13 a 15 de novembro de 1999. As Federativas Estaduais e as Entidades Especializadas comprometeram-se a realizar intenso trabalho na coleta de assinaturas junto aos espíritas e a população em geral.)

O Endemoninhado de Gerasa

ALBUCACYS M. DE PAULA FILHO

Nos Evangelhos várias passagens falam da existência dos Espíritos e de suas relações com os encarnados. Muitas falam de diversos tipos de cura, entre elas a dos “endemoninhados”, ou “possessos” por Espíritos impuros. Podemos citar as passagens de Mateus (8:28-34), (9:32-34), (12:22), (12:43-45), (17:14-23); Marcos (5:1-20), (9:14-32); Lucas (8:26-39), (9:37-45) entre outras, que tratam do assunto.

Para não tornar o texto muito extenso, transcrevemos somente o de Marcos (5:1-20), que trata da cura de um desses endemoninhados, embora seja interessante e conveniente reportar-se ao Evangelho segundo Mateus (8:28-34) e Lucas (8:26-39).

Busquemos analisar por partes, na tentativa de melhor entendimento:

1. Chegaram à outra margem, ao território dos gerasenos.

Mateus fala na cidade de Gadara enquanto Marcos e Lucas citam a cidade de Gerasa. Entre os estudiosos dos Evangelhos não há um consenso sobre a cidade onde a cura foi realizada. Todavia, mais importante que o local onde se deu a cura é o que podemos apreender com essa passagem. Lembremos, desde já, que o Codificador nos recomenda buscar o fundo, a essência, e não a forma. Entretanto, somente a título de informação, podemos dizer que Gadara era uma aldeia bem conhecida, enquanto Gerasa era um lugarejo obscuro.

2. Assim que Jesus desceu do barco, um homem possesso de Espírito impuro saiu do cemitério e veio-lhe ao encontro.

Marcos e Lucas citam apenas um endemoninhado, enquanto Mateus fala de dois. Isso pode ser por: a) Referência à pluralidade dos “demônios”, e não de homens; b) Mateus reúne duas histórias de Marcos, contidas em 1:23 e 5:1, pelo que Marcos teria razão em falar de um único personagem; c) Eram dois homens, mas um era violento e o outro dependia dele, pelo que também Marcos e Lucas mencionaram somente o que mais se destacava.

“Possesso de um Espírito impuro.” Segundo o entendimento da época, os Espíritos impuros poderiam entrar no corpo de uma pessoa, obrigando-a a proceder contra a sua vontade. Normalmente, esses indivíduos eram conduzidos, ou iam por si próprios, para os lugares ermos e lúgubres, como as montanhas e os cemitérios.

A Doutrina Espírita esclarece esses fenômenos, mostrando a possibilidade da influência recíproca dos Espíritos, encarnados ou desencarnados, podendo ocorrer de desencarnado para encarnado e vice-versa. Ou entre encarnados ou entre desencarnados.

Importante saber que a influência ocorre através de nossa atmosfera fluídica, ou psíquica, onde os pensamentos constituem os dinamos geradores, sendo o perispírito o meio, o agente dessa ação.

A ligação do Espírito ao corpo é feita “molécula por molécula”, daí a impossibilidade de um Espírito desencarnado tomar o lugar de um encarnado, como é apresentado por alguns filmes leigos. É impossível um Espírito entrar no corpo de uma pessoa, logo, nesse sentido, não há possessão, mas obsessão — que é a influência perniciosa e constante de um Espírito sobre outro, atuando através do pensamento, da vontade ou do entrelaçamento perispiritual.

A obsessão pode ser dividida em três categorias: simples, fascinação e subjugação.

Na obsessão simples o influenciado, encarnado ou não, sabe que está sob a influência de outro Espírito.

Na fascinação o Espírito, que influencia, age sobre o raciocínio do influenciado. Desta forma, o obsidiado tem dificuldade de coordenar o raciocínio e idéias absurdas são consideradas normais, para ele. Não acredita que esteja sob a influência perniciosa de um Espírito, por isso a dificuldade de auxiliá-lo.

Na subjugação a influência dá-se sobre a vontade, ou seja, o influenciado não tem vontade de modificar-se, embora raciocine.

Nesta passagem percebemos, aliás, uma das características da obsessão: o afastamento do obsidiado do convívio das pessoas que podem auxiliá-lo.

3. Morava nos túmulos e nem mesmo correntes podiam segurá-lo.

Os relatos de Marcos e Mateus mostram que o endemoninhado era violento. Não raro são os casos de pessoas que ficam violentas sob a influência dos obsessores.

4. De fato, muitas vezes lhe tinham posto correntes e algemas, mas ele quebrava as algemas, despedaçava as correntes e ninguém tinha força para dominá-lo.

Isso, em primeiro lugar, é corroborado pela experiência. Nos casos de subjugações, em que os subjugados ficam violentos, só são dominados, fisicamente, por várias pessoas ou através de altas doses de sedativos. Em segundo lugar, é conforme os ensinamentos espíritas, pelos quais não existe outra forma de se dominar um Espírito a não ser pela força moral. Nenhuma fórmula cabalística é capaz de afastar o Espírito que esteja a influenciar uma pessoa. O que muitas vezes acontece, quando se usam essas fórmulas, é a intensificação dos fenômenos ou, após cansar-se de brincar com os que tentam intimidá-lo, o Espírito abandona o influenciado, podendo ele ou outro retornar mais tarde e prosseguir na influência.

5. Dia e noite andava entre os túmulos e pelos montes, gritando e se ferindo com pedras.

Este versículo reforça a idéia de que os subjugados viviam isolados e como dementes. Percebemos, aqui, outra característica dos obsidiados: a automutilação. Também são normais os pensamentos de autodestruição como suicídio, angústia, tristeza, etc.

Algumas traduções falam em sepulcros, em vez de túmulos. Os sepulcros podiam ser aberturas naturais ou artificiais, nas rochas.

6. Vendo Jesus de longe, ele correu, caiu de joelhos diante dele.

O homem, embora estivesse influenciado, aproxima-se de Jesus.

Vamos constatando, a cada versículo, o que a Doutrina Espírita fala sobre as subjugações: a subjugação não é constante, ou seja, o Espírito não fica a influenciar todo o tempo. Há momentos em que o obsessor se afasta, deixando o subjugado consciente do que está fazendo. Com isto, o obsidiado tem um refrigério e pode recompor-se, se o desejar, afastando conseqüentemente a influência negativa. Por este motivo é que o homem vai ao encontro de Jesus.

7. E gritou em voz alta: "O que tens a ver comigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Eu te conjuro por Deus que não me atormentes."

Neste momento, em que se aproxima de Jesus, já não é mais o homem quem conversa com o Cristo, mas o Espírito obsessor. Sabe quem é Jesus e pede para não ser incomodado. Isto porque, como muitas pessoas hoje em dia, naquela época se acreditava no juízo final, no julgamento dos Espíritos malignos, e o Espírito, julgando ter chegado esse dia, pede a Jesus que o deixe em paz. (Ver Apocalipse 20:10; Lucas 10:18.)

8. É que Jesus lhe tinha dito: "Sai deste homem, Espírito impuro!"

Para expulsar o Espírito, o evangelista não diz que Jesus gesticulou ou fez nenhum ato exterior, apenas ordenou que o Espírito deixasse o homem. Mais uma vez, a força moral. A de Jesus é demonstrada de forma incontestável.

9. Depois Jesus perguntou-lhe: “Qual é o teu nome?” Ele respondeu: “O meu nome é legião, porque somos muitos.”

Por que Jesus pergunta o nome ao Espírito? Em outras passagens, Ele simplesmente ordena que o Espírito se afaste. Curioso é que o povo daquela época acreditava que o fato de se conhecer o nome da pessoa dava sobre ela autoridade. Observemos que não era somente um Espírito, mas muitos. Também o Espiritismo confirma a possibilidade de vários Espíritos influenciarem uma pessoa, grupo, cidade...

10. *E suplicavam a Jesus com insistência que não os expulsasse da região.*

Não podemos dizer, exatamente, por que os Espíritos pedem para não serem expulsos da região. Talvez imaginassem mesmo o juízo final, por serem atrasados, como falamos acima. Entretanto, o que observamos é a rebeldia dos Espíritos que se comprazem com os seus atos. Este fato é facilmente constatado nos trabalhos mediúnicos.

11. *Ora, havia por ali, pastando junto ao monte, uma grande vara de porcos.*

Os judeus consideravam os porcos imundos, portanto, não os criavam. Se havia, de fato, a vara de porcos, deveria pertencer aos gentios.

12. *E os Espíritos lhe suplicaram: “Manda-nos aos porcos, para entrarmos neles.”*

Os judeus também consideravam os gentios como “porcos”. Mas isto não se aplica a este caso. Uma pergunta poderemos nos fazer: Por que os Espíritos iriam preferir “entrar” nos porcos a ficar livres; os porcos seriam preferíveis à liberdade?

13. *E Jesus o permitiu. Os Espíritos impuros saíram e entraram nos porcos. A vara, de uns dois mil porcos, precipitou-se barranco abaixo, dentro do mar, e se afogou.*

Segundo os ensinamentos espíritas, há incompatibilidade entre os fluidos de homens e animais. Por isso, os Espíritos não poderiam “entrar” nos porcos.

E se considerássemos os gentios, como sendo os porcos? A razão nos diz que Jesus não libertaria um em detrimento de outros.

O que possivelmente deve ter acontecido é que os porcos viram os Espíritos, e, conseqüentemente, assustaram-se, precipitando-se no abismo.

14. *Os pastores fugiram e espalharam a notícia na cidade e nos campos. E o povo veio ver o que havia acontecido.*

Como não estavam acostumados com tais acontecimentos, normal seria o povo assustar-se e espalhar a notícia.

Até hoje, quando os fenômenos espíritas ocorrem espontaneamente, as pessoas se assustam e espalham a notícia. Essa foi a forma que certos Espíritos encontraram a fim de chamar a atenção para a sua existência.

15. *Chegando até Jesus, viram o endemoninhado sentado, vestido e em pleno juízo, ele que antes estava possuído pela legião. E ficaram com medo. 16. As testemunhas lhes contaram o que tinha acontecido com o endemoninhado e com os porcos. 17. Pediram então a Jesus que se afastasse de sua região.*

A população local, vendo o que aconteceu com aquele que sabiam endemoninhado, fenômeno que não era comum, temeu a presença de Jesus.

Não muito longe de nossa época, queimavam-se médiuns por se relacionarem com os Espíritos, mesmo sem promoverem curas.

18. *Quando Jesus entrava no barco, o homem que tinha sido endemoninhado insistiu para acompanhá-lo. 19. Jesus não consentiu, mas lhe disse: “Vai para tua casa, para junto dos teus e conta-lhes tudo o que o Senhor fez por ti e como se compadeceu de ti.” 20. Ele foi embora e começou a propagar*

na Decápole o que Jesus lhe tinha feito. E todos ficavam admirados.

De forma geral, Jesus recomendava aos curados que não pecassem mais e fossem pregar o que Deus havia feito por eles, não atribuindo a si as curas, mas ao Pai. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 71. ed., FEB.
— O Livro dos Médiuns, 59. ed., FEB.
- O Evangelho segundo o Espiritismo, 105. ed., FEB.
- O Céu e o Inferno, 36. ed., FEB.
- A Gênese, 34. ed., FEB.
- Obras Póstumas, 22. ed., FEB.
7. CHAMPLIN, Russel Normam. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo. 6. impressão, Milenium Distribuidora Cultural Ltda.
8. THOMPSON, Frank Charles. Bíblia de Referência Thompson com versículos em cadeia temática. Editora Vida.
9. Vozes, Editora. Bíblia Sagrada em CD-ROM.

Comportamentos Agressivos na Infância

LUCY DIAS RAMOS

A infância deveria ser a etapa mais feliz e segura para todos os Espíritos trazidos à reencarnação. Entretanto, nem sempre é assim. Muitos se situam, desde cedo, em lares desestruturados, pais violentos e mães descuidadas, num ambiente social hostil e inóspito.

O ambiente familiar e a boa ou má receptividade com relação à criança, que se inicia desde a vida intra-uterina, são fatores marcantes na formação de sua personalidade tornando-a feliz, aberta ao convívio com outras crianças, ou insegura, triste, fechada em seu mundo, apresentando conflitos perturbadores.

“A criança mal amada, que padece violências físicas e psicológicas, vê o mundo e as pessoas através de uma visão óptica distorcida. As suas imagens estão focadas de maneira incorreta e, como consequência, causam-lhe pavor. Ademais, os comportamentos agressivos daqueles que lhe partilham a convivência, atemorizando-a mediante ameaças de punições com seres perversos, animais e castigos de qualquer natureza, fazem-na fugir para lugar e situações vexatórios, nos quais o recolhimento oferece qualquer mecanismo de defesa, deixando-a abandonada.”¹

Atitudes deste teor e situações que lhe imprimam insegurança e medo marcarão profundamente sua vida e constituem fatores causais da agressividade infantil. Entretanto, outros fatores deverão ser analisados.

Se remontarmos às causas que precedem a atual reencarnação, encontraremos crianças portadoras de lesões da alma, consequência de atos criminosos praticados no passado ou desvios de comportamento, que retornam em lares difíceis com relacionamentos que geram insegurança e conflitos.

Os comportamentos agressivos na infância nem sempre têm a intenção de causar danos ou atacar violentamente as pessoas. Muitas vezes, esclarecem os estudiosos do assunto, são hostis visando, principalmente, a contrariar ou magoar aqueles que não correspondem aos seus anseios.

*“Existem fatores sociais e interpessoais que afetam a tendência infantil de se comportar agressivamente. As formas e graus da agressão que a criança exibirá dependem de muitos fatores: a intensidade de sua motivação hostil, o grau de frustração ambiental ao qual está sujeito, os reforços recebidos por comportamento agressivo, sua observação e imitação de modelos agressivos e o nível de ansiedade e culpa associado à expressão da agressão.”*²

Como fatores de agressividade infantil destacamos a frustração, as respostas agressivas imitativas e a influência dos pais permissivos ou autoritários, como predominantes, desencadeadores de atitudes atuais em consonância com as reminiscências e tendências de outras vidas.

Poderemos, assim, classificar as causas da agressividade infantil em três grupos:

1 — Causas atuais:

- a) Violência no lar (spancamentos, castigos excessivos, inibições);
- b) Humilhações e provocações (no lar e na escola);
- c) Agressividade física entre os cônjuges;
- d) Violência nos órgãos de divulgação (TV, revista, cinema, etc.).

2 — Causas anteriores:

- a) Conflitos relacionados com a auto-estima;
- b) Lesões da alma (complexos, conflitos, remorsos);
- c) Animosidades.

3 — Causas orgânicas:

- a) Lesão cerebral (tumores, traumatismos);
- b) Distúrbios emocionais por disfunções endócrinas;
- c) Disritmias cerebrais;
- d) Perturbações na fala, na audição e na visão (em níveis elevados).

Não devemos desconsiderar nenhuma das causas citadas, procurando minimizá-las com o tratamento físico e o espiritual adequados.

Agressividade infantil motivada por um dos fatores causais ou por mais de um componente citado acima poderá ocorrer em diferentes níveis, desde a delinqüência até as nuances menos hostis vivenciadas no lar ou na escola.

Na violência urbana, atualmente, temos exemplos comuns de roubos e atitudes agressivas de crianças, motivados por questões sociais, que vão desde o abandono pela família até os impulsos e as tendências criminosas resultantes da deformação moral do ser, de origem genética e espiritual.

A miséria social é a causa mais grave que desencadeia uma série de atitudes agressivas da criança, que a usa para sobreviver.

Não se encontrou, ainda, infelizmente, uma solução adequada e eficiente no combate à marginalização e delinqüência infantil, cujos efeitos danosos para a sociedade refletem o estado evolutivo de nosso planeta.

É difícil mas não é impossível a recuperação dos meninos e meninas de rua precocemente envolvidos com a criminalidade, com as drogas e a prostituição.

Alguns movimentos voluntários já se esboçam no sentido de minimizar este problema, amparando e orientando grupos de crianças de rua, em vários Estados do Brasil, tentando, com bons resultados, a recuperação e a reeducação infantil.

Entretanto, a agressividade infantil não está circunscrita às classes sociais menos favorecidas. Ela ocorre nas famílias de classes média e alta, com características bem graves e alarmantes.

Se analisarmos a agressividade como um “comportamento anormal” causado por desequilíbrio das emoções, estaremos ampliando nossas considerações e, conseqüentemente, buscando sua origem no Espírito imortal, nas vinculações da personalidade atual com as vivências passadas. Somente assim, encontraremos explicações mais objetivas para a compreensão da criança e de suas atitudes agressivas.

Nas notícias veiculadas pela mídia, modernamente, vemos comportamentos agressivos de jovens e crianças portadores de transtornos mentais, incentivados pelos modelos de heróis violentos e hostis, descarregando suas inquietações e frustrações em assassinatos cruéis.

Nos países civilizados, há uma incidência considerável de atos de violência, aparentemente sem motivos reais, mas explicáveis pela lógica dos princípios espíritas. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. FRANCO, Divaldo P. Amor, Imbatível Amor, pelo Espírito Joanna de Ângelis, cap. 4, LEAL, Salvador (BA) — 1998.
2. MUSSEN/CONGER/KAGAN — Desenvolvimento e Personalidade da Criança. Parte IV, cap. 9.

A Lição do Lenho

CARLOS BERNARDO LOUREIRO

Era menino quando conheci Artur de Sales (1859-1952), poeta baiano, dos últimos, certamente, a fazer do verso a razão de sua própria existência, plena que era ela de melancolias, de sonhos irrealizados, tudo num misto de alegria e sofrimento. Morava ele, como eu, na Boa Vista de Brotas (Rua Marquês de Abrantes), Salvador, onde, ao fim da rua, se erguia, mudo e marcado pelas cicatrizes deixadas pelo tempo, o vetusto casarão em que, um dia, morou Castro Alves, o inigualável poeta dos escravos. Artur de Sales costumava, manhã cedo, caminhar pela comprida rua, absorto nas meditações profundas de sua mente fértil, arquitetando versos. E lá se ia ele, passos lentos, cabeça alva, pendida ao peito, balbuciando palavras que os menos avisados poderiam julgá-las frutos do delírio. E era, sim: do delírio do Verso, que se lhe escapava murmurante dos lábios murchos. A mim parecia estar orando... Verso concluído, sentava-se à beira da calçada, e registrava-o no papel amassado tirado do bolso. A mão trêmula, segurando o toco do lápis, corria com dificuldade. A fisionomia, toda ela, irradiava um quê de estranhos e místicos sentimentos. E ali, sozinho, arredado do mundo, da rua, de tudo, lançava sobre o papel quase roto as suas mais ardentes e cintilantes aspirações, os seus mais íntimos e espirituais segredos.

Um dia desencarna Artur de Sales, um dos derradeiros e autênticos simbolistas...

Revi Artur de Sales. Os mesmos versos, os mesmos: trabalhados com esmero, tersos, conquanto impregnados não daquelas martirizantes perquirições, mas verdadeiros e transcendentalizados hinos de fé e de esperança. Ei-lo em Espírito, não mais triste nem só, porque integrado à corte divina dedicada a semear palavras em feitio de oração — bálsamo às feridas do corpo e aos desesperos da alma:

A Lição do Lenho*

Erguia-se, ditoso, o tronco peregrino,
Amava a passarada, o vale, a fonte, o vento!...
Um dia, geme e tomba ao machado violento...
Alguém surge e faz dele emérito violino.

Ninguém lhe viu no bosque o trágico destino,
Hoje, porém, alheio ao próprio sofrimento,
Comove multidões... E segue, humilde e atento,
O artista que lhe tange o arcabouço divino.

Oh! coração, se o mal te fere, pisa, corta
E te lança por terra a vida semimorta,
Lembra o lenho harmonioso — intérprete profundo!

Entrega-te a Jesus e Jesus há-de usar-te
A transfundir-se a dor em luz, por toda a parte,
Enxugando contigo as lágrimas do mundo!...

(Soneto recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, na noite de 25-3-67, em Uberaba, Minas.)

* O soneto A lição do lenho consta do livro "Poetas Redivivos", no 85, ed. FEB, p. 121, onde o nome do autor aparece como Arthur de Salles. O Anuário Espírita — 1968 (IDE, Araras-SP, p. 75) publica o referido soneto também com o nome Arthur de Salles. Na "Antologia dos Imortais" (edição FEB de 1963) são publicados dois sonetos do referido Espírito-poeta — História de Amor (p. 322) e História do Destino (p. 323) com o nome do autor grafado — Artur (Gonçalves) de Sales. Em face das divergências, respeitamos a grafia do autor do artigo: Artur de Sales. (Nota da Redação.)

Aspectos da Fé Profunda

No concerto das conquistas antropossociopsicológicas do ser, a fé desempenha um papel preponderante e de significação especial que o vem conduzindo no processo da evolução.

Surge como inclinação emocional em torno de algo ou de alguém que desperta respeito, desenvolvendo-se como necessidade de apoio psicológico para encontrar e atingir o objetivo a que se propõe.

Nem sempre racional, procede dos medos atávicos, que tiveram origem nas expressões primárias do pensamento, diante das forças telúricas que devastaram o Orbe, facultando as iniciais expressões religiosas, graças às quais, era possível aplacá-las.

Concomitantemente, transformou-se em necessidade, facultando a crença nos valores morais do próximo, nas variações do tempo, nos atributos da força, no vigor das leis...

À medida que houve o desenvolvimento cultural do ser, tornou-se-lhe indispensável para os relacionamentos interpessoal e social, através de cuja conquista as estruturas humanas se fixavam em documentos e tratados que, nem sempre honrados, apresentaram as diretrizes para a salutar convivência humana e a construção dos segmentos sociais.

Internalizando-se, passou a exercer poderosa influência na conduta e estímulo para o exercício dos compromissos morais, que se desdobrariam como deveres para consigo, para com o próximo e para com a Vida...

Nesse aspecto, que diz respeito à Realidade, torna-se religiosa, em face da proposta subjacente, confirmando a indestrutibilidade da vida e o seu prosseguimento após a consumpção do organismo biológico.

Pensam alguns sociólogos e estudiosos do comportamento que essa fé religiosa é inerente ao ser humano, como inevitável decorrência da sua causalidade divina, o que é legítimo.

Intuitiva inicialmente, fez-se racional em razão dos fenômenos observados e constatados pela Ciência, cuja contribuição valiosa ensajou ao homem afirmar-se nos resultados das próprias investigações.

Surgiu a fé nos fatos, dando segurança para comportamentos e procedimentos de toda natureza no vaivém da sua evolução.

A ignorância, que decorre da ausência do conhecimento, insistia na superstição e na preservação dos conceitos primários, reagindo contra as conquistas do pensamento e da tecnologia.

É de recente memória a reação das massas às medidas sanitaristas, impostas após o descobrimento dos micróbios e dos vírus perniciosos à saúde e destrutivos da organização celular...

Na área imensa do Cosmo, a ausência de informação sobre as leis que o regem induzia a crença em mitos hediondos e catástrofes punitivas, que decorriam da lamentável conceituação sobre a ira divina.

A desconfiança entre os indivíduos, as barreiras dos preconceitos de todo jaez levavam a crer equivocadamente em privilégios para uns e prejuízos para outros, atormentando gerações que se multiplicaram sob o jugo infeliz de tão nefastas crenças.

À medida que a razão e a ciência se uniram, a fé, como efeito da certeza nos fenômenos estudados, passou a ser uma condição natural, subconsciente, de que ninguém se encontra isento.

É, no entanto, da fé religiosa, fundamentada na razão, que decorre do pensamento lúcido, que se agiganta a capacidade de melhor direcionar a mente, construindo a própria felicidade.

Quando alguém crê conscientemente, consegue movimentar as ondas mentais e fixá-las naquilo que lhe constitui fulcro de interesse.

Desviando a idéia dos problemas e substituindo-a por outra de natureza edificante, consegue vencer aflições e injunções perturbadoras, ao tempo que estimula os neurônios e o sistema nervoso simpático a produzirem a harmonia celular, reorganizando a saúde.

Ao orar, a emulação do pensamento direcionado ao Criador sintoniza com ondas de poderosa freqüência, que vitalizam o psiquismo e se tornam metabolizadas pelas células.

Nesse intercâmbio a interleucina-6 decorrente do estresse, que perturba o sistema imunológico, deixa de ser produzida, enquanto os estímulos facultam a multiplicação de fatores químicos e biológicos, que preservam o organismo.

Da mesma forma diminui as descargas de adrenalina e noradrenalina, evitando o compreensível desgaste nervoso.

A fé religiosa é primordial para a saúde, sem qualquer dúvida, mas também para o equilíbrio psicológico, favorecendo a conduta e o comportamento do indivíduo.

Em todos os capítulos, que digam respeito à fé, descobriremos, na raiz de todo ideal, na base de qualquer edificação, a sua vigência como de significação profunda, trabalhando a vida

para se tornar cada vez mais digna e compensadora para ser fruída.

A fé em alto grau remove montanhas de desafios e obstáculos que se apresentam entre o planejamento de qualquer ideal e a meta a alcançar.

A fé é a força dos mártires, mas também é o combustível de sustentação dos homens de bem, de todos aqueles que se empenham para que a Terra seja mais feliz e a sociedade realmente ditosa e plena.

CARNEIRO DE CAMPOS

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, em 17-11-1999, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador-BA.)

A Roupas de Ver Deus

RICHARD SIMONETTI

Vão longe os tempos em que terno e gravata faziam parte do cotidiano masculino.

No cinema, nos bancos, no comércio, em reuniões sociais, ninguém estaria “decente” sem a tira de pano ao redor do pescoço, camisa de colarinho duro, convenientemente coberta pelo indefectível paletó.

O rigor era tanto que em alguns locais forneciam-se surradas gravatas, por empréstimo, para os desleixados.

A moda feminina era mais flexível, mas sempre pautada por vestuário recatado.

Impunham-se saias longas, vestidos sem decote, ombros cobertos...

•

Hoje tais rigores estão superados. Vivendo num país tropical, de tórrido verão, é inconcebível usar tanto pano, com os inconvenientes que lhe são inerentes:

Suor excessivo, calor sufocante, mal-estar, um certo odor que nos fere as narinas...

Não obstante, há limites a serem observados.

É preciso algum cuidado, evitando converter o espaço urbano em extensão dos campos de nudismo, num retorno impudente ao naturalismo inocente de Adão e Eva.

Disciplinas devem ser observadas, particularmente nos templos religiosos.

A atenção dos fiéis não pode ser desviada ou perturbada pela exposição dos delicados atributos femininos ou da desprazível pilosidade masculina.

A participação em atividade religiosa é um momento solene.

Direta ou indiretamente estamos buscando a comunhão com o Senhor Supremo, Nosso Pai.

É de bom-tom que estejamos convenientemente trajados.

Algumas correntes religiosas até

exigem de seus profíctos os mesmos rigores que havia no passado em relação ao cotidiano.

Impõem a “roupa de ver Deus”.

Há algum exagero.

Forçoso reconhecer, entretanto, que algo é inadmissível:

Ostentar no recinto consagrado à atividade religiosa a mesma descontração com que comparecemos à praia ou ao balneário.

Esse princípio vale para o Centro Espírita.

Nele temos:

A escola abençoada...

O hospital das almas...

A oficina de trabalho...

É também o recinto sagrado onde buscamos a comunhão com a espiritualidade:

O templo de nossa fé.

Imperioso, portanto, que respeitemos o Centro Espírita e o que ele representa, guardando em suas dependências um cuidado fundamental:

Sobriedade no vestir!

A Boa Floração

MARCELO PAES BARRETO

O autor, a princípio, alerta-nos para um simples fenômeno da Natureza, que, olhado sob o ângulo mais cômodo, nos faz levar para a análise, também mais simples, de que a flor desabrochada surge “sem mais nem menos”.

Alerta-nos, em verdade, que, quando a flor desabrocha, já houve, anteriormente, todo um processo de criação. Na verdade, a Engenharia Divina laborou, ocultamente, antes do aparecimento da obra aos olhos do mundo material.

Assim também acontece com os seres humanos. Para assemelharem-se às boas florações, há que existir anteriormente um processo, com etapas bem definidas e cumpridas, respeitando-se as exigências da própria Natureza.

“Em cada ambiente, a cada hora, para cada um de nós, existe a conduta reta, a visão mais alta, o esforço mais expressivo, a porta mais adequada.”²

O ser depende do ambiente, do que recebe do ambiente, do que lhe é fornecido de hora em hora, dia a dia, para poder alcançar a porta mais adequada, objetivando poder sair o mais completo possível para o fiel cumprimento das tarefas, principalmente com a devida resistência aos chamamentos do mal.

Daí sabermos que uma flor que desabrocha sem os cuidados anteriores, da boa adubação, durará ou resistirá por pouco tempo!

Mas quando o jardineiro toma todas as precauções, trabalhando eficazmente, o resultado é outro, e lhe surge a flor bonita, saudável, com mais tempo de duração e plenamente resistente às intempéries.

Da mesma forma devemos proceder em relação aos nossos irmãos que se encontram sob os nossos cuidados, cultivando-os incessantemente com os alimentos imperecíveis do Espírito, equipando o seu crescimento com o aporte do caráter e da moral cristã, que o farão florescer com base forte, concreta, propiciando-lhes firmeza dos passos rumo à felicidade.

“Não basta para nenhum de nós o contentamento de apenas hoje. É preciso saber se estamos pensando, sentindo, falando e agindo para que o nosso regozijo de agora seja também o regozijo depois.”³ ●

(1, 2 e 3) “Estude e Viva”, pelo Espírito Emmanuel e André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, 6. ed. FEB, p. 30

Em Defesa da Vida

AFFONSO SOARES

I

A Terra arremete, insana
Em pérfidos movimentos,
Iludindo os sentimentos
Da incauta família humana.

Com manhosos argumentos,
Perverte, fascina, engana,
No palácio, na choupana,
Na escola, nos parlamentos...

E, em nome da Caridade,
Da Paz e da Liberdade,
Predica a torva coorte

Formas sutis de homicídio:
Eutanásia, suicídio,
Aborto, pena de morte...

II

Mas uma voz vem do Céu,
Grave, com santo fervor,
E adverte, em nome do Amor,
O triste rebanho incréu:

— Sabei, ó filhos da Dor,
Não vaga o homem ao léu,
Que dos destinos o véu
Rompeu o Consolador.

— O Espiritismo bendito —,
Exortando o aflito
A não fugir da lição,

Que a prova de sua vida,
Antes do berço escolhida,
É via de redenção!

III

Que a alma, por mais culpada
Cruel e sem sentimento,
Terá, do arrependimento,
Sempre a porta franqueada.

Que frustrar um nascimento
Contraria a lei sagrada,
Susta a luta abençoada
Da alma em reerguimento.

Curvai-vos, pois, à Divina
Vontade que determina
Amar, servir, perdoar,

Pois que o fio de uma vida,
Mesmo inútil, ou perdida,
Só a Deus cabe cortar.

Esflorando o Evangelho EMMANUEL

Ricamente

“A palavra do Cristo habite em vós, ricamente...” — Paulo.
(Colossenses, 3:16)

Dizes confiar no poder do Cristo, mas, se o dia aparece em cores contrárias à tua expectativa, demonstras deplorável indigência de fé na inconformação.

Afirmas cultivar o amor que o Mestre nos legou, entretanto, se o companheiro exterioriza pontos de vista diferentes dos teus, mostras enorme pobreza de compreensão, confiando-te ao desagrado e à censura.

Declaras aceitar o Evangelho em sua simplicidade e pureza, contudo, se o Senhor te pede algum sacrifício perfeitamente compatível com as tuas possibilidades, exhibes incontestável carência de cooperação, lançando reptos e solicitando reparações.

Asseveras procurar a Vontade do Celeste Benefeitor, no entanto, se os teus caprichos não se encontram satisfeitos, mostras lastimável miséria de paciência e esperança, arrojando teus melhores pensamentos ao lamaçal do desencanto.

Acenderemos, porém, a luz, permanecendo nas trevas?

Daremos testemunho de obediência, exaltando a revolta?

Ensinares a serenidade, inclinando-nos à desesperação?

Proclamaremos a glória do amor, cultivando o ódio?

A palavra do Cristo não nos convida a marchar na fraqueza ou na lamentação, como se fôssemos tutelados da ignorância.

Segundo a conceituação iluminada de Paulo, a Boa Nova deve irradiar-se de nossa vida, habitando a nossa alma, ricamente. ●

(Do livro “Fonte Viva”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, cap. 125, p. 283-284, 16. ed. FEB)

Allan Kardec e o seu Nome Civil

Documentação oficial da França revela o verdadeiro nome de nascimento de Allan Kardec e a cidade onde residiam seus pais.

WASHINGTON LUIZ NOGUEIRA FERNANDES

Muito já se escreveu sobre Allan Kardec, nestes 130 anos desde sua desencarnação, em 1869, tentando-se descrever sua trajetória, com algumas pinceladas sobre sua carreira pedagógica pré-espírita. Em geral, enfatiza-se sua missão e importância religiosa para a Humanidade, presumindo-se verdadeiras as informações históricas e biográficas constantes em outros livros.

À parte de sua grandiosa missão de Codificador da Terceira Revelação, a verdade é que a preocupação para resgatar a história documental de Rivail/Kardec tem esbarrado em problemas de ordem burocrática e geográfica, tendo em vista tratarmos de coisas referentes à França, isto é, um país de outro continente.

Nossa visão destes assuntos sempre foi mais documental, e não literária. Assim, de posse de cópias dos documentos civis e certidões, isto é, de Fontes Primárias de informação, tudo seria esclarecido, não importando debates lingüísticos, ou o que consta em livros de terceiros, que já seriam Fontes Secundárias, portanto, de valor menor, no tocante a esse assunto.

Todas as obras sobre Rivail/Kardec, mais de 20 que consultamos, nacionais e estrangeiras, tomam por base a conferência pronunciada em Lyon por Henri Sausse (1852-1928), “Biographie d’Allan Kardec” (Biografia de Allan Kardec), publicada em França pela primeira vez em 1896. Foi republicada em 1910, aumentada de numerosos documentos novos e inéditos, com prefácio de Gabriel Delanne (1857-1926), e em 1927, com prefácio de Léon Denis (1846-1927). Sempre causou admiração em todos os leitores o extrato da certidão colocado por Sausse, no início de seu livro, referente ao nascimento de Rivail. Porém, à vista da documentação vinda de França ultimamente, a realidade é outra.

ALLAN KARDEC POR ELE MESMO E SEUS DOCUMENTOS

Nunca deixou de ser intrigante o artigo de Allan Kardec na Revista Espírita, de junho de 1862 (ed. Edicel, SP, s.d.), intitulado Assim se escreve a história! — Os milhões do sr. Allan Kardec, onde ele rebate ataques pessoais feitos por um padre, que disse tê-lo conhecido pobre em Lyon. Nesse artigo, o Codificador afirmou textualmente que nunca habitou esta cidade. Causavam também estranheza seus vários artigos, e referências a Lyon na Revista Espírita, contidas nos números dos anos de 1860, pág. 314, 1861, págs. 305 e 312, 1862, págs. 31 e 253, 1868, págs. 253 e 348, em que ele não faz a mínima referência ou alusão de lá ter vivido. Naturalmente, este detalhe, da mesma forma, ensejava muitas reflexões e pesquisas.

Felizmente, após muito esforço, desde 1994, tendo agora em mãos toda a documentação oficial de Rivail, conseguida junto às competentes repartições francesas, e com a ajuda de amigos residentes em França, com surpresa constatamos que muitas das informações que eram tidas como oficiais, constantes neste extrato da certidão, na obra de Henri Sausse, não correspondem aos textos originais. Isto principalmente no tocante à certidão de nascimento (chamada Ato de Nascimento), documento de quase 200 anos, e que

naturalmente exigiu um cuidadoso estudo grafológico, para identificar perfeitamente a correspondência das letras e palavras.

Em março de 1998, tivemos a grata satisfação de visitar Zêus Wantuil no Rio de Janeiro, por quem dedicamos profunda admiração, nele reconhecendo um dos dedicados pesquisadores espíritas que temos, e um dos autores da melhor obra escrita até hoje sobre nosso biografado, “Allan Kardec, Pesquisa Biobibliográfica”, FEB, em parceria com Francisco Thiesen (1927-1990). Naquela oportunidade, Zêus nos sugeriu um estudo mais aprofundado sobre Rivail/Kardec, obsequiando-nos quatro quilos de material para pesquisa, constituído na maior parte de documentos referentes à sua passagem por Yverdun, e que se somou aos quase sete quilos de material que já estávamos acumulando desde há muito, sobre a vida e obra de Rivail. E foi assim que tudo coincidiu harmoniosamente, precipitando os estudos que ora publicamos em parte.

A conferência onde Sausse fez considerações biográficas de Allan Kardec, ocorrida em 1896, foi traduzida no Brasil pela FEB, e por ela publicada em 1944, no início de “O Principiante Espírita”, obra que não é mais editada; depois ficou introduzida no começo de “O que é o Espiritismo”. Também a Editora LAKE publicou-a em português, em 1975.

E temos a Biografia por Sausse em francês, da editora

Pygmalion Gérard Watelet, Paris, 1993, na versão de 1927.

Consultamos as edições francesas de 1910 e 1927, e a conclusão é que o problema está mesmo na fonte de Henri Sausse, e não nas traduções (salvo mínimas exceções, que nada comprometem o resultado).

É evidente que as conclusões abaixo ensejam, na verdade, novas pesquisas, as quais temos procurado fazer, sobre os aspectos histórico-documentais da vida de Rivail.

Não nos interessa saber o porquê das divergências entre a documentação original sobre Rivail, e a apresentada no Extrato da certidão constante na obra de Sausse. Nossa obrigação, independentemente de qualquer coisa, é procurarmos a verdade documental dos fatos.

O NOME CIVIL

Com relação ao nome civil, positivamente, o que vale é o registro de nascimento, que justamente atribui nome e personalidade civil a alguém. O Código Napoleônico francês (1804) somente fez breves referências a esta matéria, sendo depois completada pelos textos das leis intermediárias e pela jurisprudência.

Se, por acaso, o nome no registro de nascimento fosse feito com algum erro lingüístico, semântico, etc., o seu dono teria que carregar este nome até o fim da vida, em qualquer lugar do mundo, ressalvado o caso de alterá-lo.

Foi o Ato de Nascimento que atribuiu existência civil a Rivail, e através do qual ele recebeu um nome e identidade. Citações em dicionários, enciclopédias e catálogos referentes a este nome, ainda que publicados no decorrer da vida de Rivail, valeriam apenas como um registro cultural ou filológico, sem nenhum alcance para o registro civil.

Com referência a Rivail, temos ainda suas certidões de casamento, óbito e testamento, e em cada uma delas aparecem variações na grafia de seu nome, o que demonstra que não foram formadas a partir do documento de nascimento. Tal ocorreu, sem dúvida, por imprecisões nos procedimentos burocráticos do

século XIX, as quais não seriam admitidas nos dias atuais. Em verdade, isso também nada significa para seu registro civil, como já esclarecemos, pois o que interessa, no tocante ao seu nome oficial, é o Ato de seu nascimento.

Assim, apresentamos algumas conclusões aos prezados leitores, referentes ao registro de nascimento de Rivail:

Texto do livro do Sr. Henri Sausse em francês, Editora Pygmalion Gérard Watelet, Paris, 1993, na versão de 1927 (aparece em negrito o que está diferente do original):

Le 12 vendémiaire de l'an XIII, acte de naissance de Denizard-Hippolyte-Léon Rivail, né hier soir à 7 heures, fils de Jean-Baptiste-Antoine Rivail homme de loi, juge, et de Jeanne Duhamel, son épouse, demeurant à Lyon, rue Sala, 76. Le sexe de l'enfant a été reconnu masculin. Témoins majeurs: Syriaque-Frédéric Dittmar, directeur de l'établissement des eaux minérales de la rue Sala, et Jean-François Targe, même rue Sala, sur la réquisition du médecin Pierre Radamel rue Saint-Dominique no 78. Lecture faite, les témoins ont signé, ainsi que le Maire de la division du Midi. Le Président du Tribunal, signé: Mathiou.

Pour extrait conforme: Le Greffier du Tribunal, signé: Malhuin.

Tradução do texto do Sr. Henri Sausse (aparece em negrito o que está diferente do original):

Aos 12 do vindemiário do ano XIII, ato do nascimento de Denizard Hippolyte-Léon Rivail, nascido ontem, às 7 horas da noite, filho de Jean Baptiste-Antoine Rivail, magistrado, juiz, e Jeanne Duhamel, sua esposa, moradores em Lyon, rua Sala, 76. Reconheceu-se como masculino o sexo da criança. Testemunhas maiores: Syriaque-Frédéric Dittmar, diretor do estabelecimento de águas minerais da rua Sala, e Jean-François Targe, da mesma rua Sala, à requisição do médico Pierre Radamel, rua Saint-Dominique, no 78. Procedida a leitura, as testemunhas assinaram, como também o Maire da região do Sul. O Presidente do Tribunal, assinado: Mathiou. Por extrato conforme: O Escrivão do Tribunal, assinado: Malhuin.

Cópia do Ato de Nascimento de Rivail. Original do Cartório de Lyon:

Du douze vendémiaire de l'an treize — Acte de naissance de Denisard, Hypolite Léon Rivail, né hier soir à sept heures, fils de Jean Baptiste Antoine Rivail homme de loi; demeurant à Bourg de L'Ain, et actuellement à Paris, et de Jeanne Louise Duhamel Son Épouse". Le sexe de l'enfant a été reconnu masculin. Temoins ma jeurs Syriaque Frederic Dittmar, Directeur de l'Etablissement des Eaux minerales, surdite rue Sala, et Jean François Targe, demeurant même rue. Sur la réquisition de Sr. Pierre Rodamel, medecin, demeurant rue Saint Dominique, no 78. Lecture faite, et ont signé. Constaté par moi maire soussigné/ et "de présent à Lyon, rue Sala no 74. renvoy approuvé/

Tradução correta da cópia do Ato Original de Nascimento de Rivail:

Em doze vendemiário do ano treze — Ato de nascimento de Denisard, Hypolite Léon Rivail, nascido ontem às sete horas da noite, filho de Jean Baptiste Antoine Rivail, homem de lei; residente em Bourg de l'Ain, e atualmente em Paris, e de Jeanne Louise Duhamel, sua esposa". O sexo da criança foi reconhecido masculino. Testemunhas maiores: Syriaque Frederic Dittmar, Diretor do Estabelecimento de Águas Minerais, sobredita rua Sala, e Jean François Targe, residente à mesma rua. Sob requisição do Sr. Pierre Rodamel, médico residente à rua Saint Dominique, no 78. Leitura feita, e assinaram. Constatado por mim, prefeito abaixo assinado / e "presentemente em Lyon, rue Sala no 74. Aditamento aprovado/

Conclusões acerca da Documentação Oficial da França sobre Rivail:

— Definitivamente, o verdadeiro nome, e o registro civil de Allan Kardec é: Denisard Hypolite Léon Rivail; observamos que a vírgula após o prenome Denisard é um procedimento usado ainda hoje nas certidões de nascimento francesas, que colocam, aliás, vírgula após cada termo do nome; se ele nascesse hoje, seria registrado como Denisard, Hypolite, Léon, Rivail, aparecendo uma vírgula após cada termo; não podemos confundir isto com citações bibliográficas, que colocam primeiro o sobrenome e depois a vírgula (Ex: Kardec, Allan), porque são coisas totalmente diferentes. Portanto, para efeito de saber o nome correto de alguém, à vista de sua certidão de nascimento francesa, pode-se ignorar a vírgula em sua certidão;

— não se cogita de que Rivail porventura tivesse alterado seu próprio nome, já que ele preferia assinar de forma diferente do registro (nos documentos e nas suas obras didáticas que conhecemos sempre assinou H. L. D. Rivail). Tal alteração deveria estar averbada (escrita à margem) necessariamente nesse Ato de Nascimento, e isto não ocorre;

— o nome de Rivail é Denisard com “s” e não com “z”, embora num testamento de Rivail aparece com muita nitidez Denizard, com z;

— Denisard termina com “d” e não com “t”, como aparece em alguns autores;

— Hypolite com um “p”, não dois;

— a letra “y” de Hypolite aparece após a letra H, e não após a letra L;

— na certidão oficial, a informação “sete horas” está escrita por extenso, e não com o número arábico 7;

— idem com relação ao dia doze vendemiário;

— o nome da mãe de Rivail era Jeanne Louise Duhamel, e não somente Jeanne Duhamel;

— o endereço citado que aparece na certidão, e que nunca foi da família Rivail, é Rue Sala, no 74, e não no 76;

* OBS.: Tivemos informação de que o confrade do Rio de Janeiro, Jorge Damas Martins, pesquisou um indício de que Jeanne Louise Duhamel, apesar de residir em Bourg de l’Ain, estava passando uma temporada no aludido Departamento de Águas Minerais, em Lyon, que ficaria na Rua Sala, 74, por causa de sua gravidez. Este indício apareceria neste Ato de Nascimento como um adendo, o que explicaria as aspas e os travessões inclinados que constam na certidão. Isto demonstra a necessidade do prosseguimento das pesquisas, além de também demonstrar e ratificar a informação de que os pais de Allan Kardec não residiam em Lyon.

— a família Rivail residia em Bourg de l’Ain, capital de Ain, um Departamento de França da região Rhône-Alpes. À época do nascimento de Rivail, Ain tinha cinco Distritos, que eram Trévoux, Belley, Gex, Nantua e Bourg, a capital, local citado no livro de Sausse como tendo sido onde Rivail teria sido batizado. Em razão das novas descobertas documentais, isto está sendo também pesquisado;

— Trévoux deixou de ser um Distrito de Ain, que passou a ter então somente quatro circunscrições. Além destes Distritos, Ain tem três regiões, que são Jura, Dombes e Bresse, onde se situa a cidade de Bourg, por isso chamada também Bourgen-Bresse, que continua a ser a capital de Ain;

— não consta na certidão original que o pai de Rivail fosse Juge (Juiz), mas só homem de lei. Não se trata aqui de saber o alcance da expressão “homme de loi” (homem de lei), para saber se também incluiria a de magistrado. Não estamos afirmando que seu pai não era Juiz, o que também temos tentado pesquisar para confirmar, mas apenas asseverando que na certidão original não

aparece este vocábulo; além do que, a função de magistrado, à época, não tinha o sentido de hoje, pois, somente para dar idéia, após a Revolução Francesa, segundo a Constituição de setembro de 1791, os magistrados deveriam ser eleitos pela comunidade, conforme menção do art. 2º, do Capítulo V, que tratava do Poder Judiciário;

— o médico responsável tinha como sobrenome Rodamel, e não Radamel;

— não consta que Mathiou fosse o Presidente do tribunal de registro na época do nascimento de Rivail. Aqui, poder-se-ia admitir que ele o fosse ao tempo em que foi expedido o extrato da certidão, em data posterior a 1804, e aí constou o nome do Presidente no período em que foi extraída. Mas isto também está sendo pesquisado;

— nada consta no original sobre o Maire da região do sul; e a justificação poderia ser também que fosse o caso de o ser à época em que foi obtido o extrato;

Portanto, conforme o exposto acima, seu nome foi registrado como Denisard Hypolite Léon Rivail. Não importa o que dizem dicionários, enciclopédias, biógrafos, outras certidões que não a de nascimento. Se, embora tendo conhecimento do que constava do registro de nascimento, Rivail preferia assinar seu nome de maneira diferente da do Ato de Nascimento, ou seja, Hippolyte Léon Denizard Rivail, a coerência nos manda respeitar a vontade dele, Rivail, e a razão pela qual assim procedeu. Uma coisa é o documento de registro, outra é a vontade sempre manifestada por Rivail, o que não se pode deixar de considerar (ver “ALLAN KARDEC”, vol. I, nota 47 e p. 194 a 197).

Fica demonstrado, ratificando o que o próprio Allan Kardec asseverou na Revista Espírita, de junho de 1862, que ele nunca morou em Lyon, cidade onde ele foi apenas registrado. Isto é certo independentemente das pesquisas para confirmar se sua mãe passou, durante a gravidez, uma temporada em Lyon, no Departamento de Águas Minerais.

Devemos entender que estas informações biográficas, sobre Allan Kardec, em nada alteram sua elevada missão de Embaixador da Nova Revelação. São apenas detalhes históricos.

Por outro lado, são necessárias outras pesquisas sobre Rivail, como a profissão de seu pai, seus ascendentes, suas pretensas ligações maçônicas antes de se tornar espírita, sua pretensa formação médica, seus empregos, etc., estabelecendo-se assim os substratos históricos da vida do Codificador.

Aliás, só para dar um exemplo, não obstante todos sabermos da origem druídica de seu nome, a sra. Anna Blackwell, amiga pessoal do Codificador e tradutora de algumas de suas obras ao inglês, ao prefaciá-lo, em 1875, sua tradução de O Livro dos Espíritos, afirmou que “Allan Kardec” era um nome bretão da família de sua mãe. Esta importante informação também estamos tentando pesquisar, inclusive junto a instituições genealógicas.

Continuaremos estes estudos, tentando resgatar documentalmente outras novas e definitivas informações históricas sobre a vida e obra de Allan Kardec. ●

O Espiritismo Perante o Evangelho

JOSÉ SOARES DE ALMEIDA

A Doutrina Espírita não somente nos revela a continuidade da existência da alma após a sua desencarnação, mas também nos ensina os meios de desenvolvermos e aperfeiçoarmos a nossa natureza espiritual.

A evolução do nosso Espírito visando a alcançar a máxima perfeição, o grau supremo de pureza, depende da nossa atuação durante a vida material, ou seja, da prática do bem, do amor fraternal e da caridade. São esses também os princípios fundamentais em que se assenta a doutrina moral das religiões constituídas. Portanto, o Espiritismo não contradiz a doutrina básica de nenhuma religião, ao contrário, vem consolidá-la, demonstrar a sua importância fundamental, a necessidade irrevogável de praticar a lei divina de amor e caridade, para o progresso da alma.

Não se pode, portanto, conceber o Espiritismo sem a sua parte moral, que é inseparável da parte filosófico-científica. A opinião que muitos sustentam de que o Espiritismo é contrário ao Cristianismo é não só totalmente infundada, como absurda, para não dizer que seja um produto de arbitrariedade religiosa, como foi, em tempos idos, a condenação de todo aquele que acreditasse que a Terra se movia em torno do Sol.

O Espiritismo, embora não seja uma religião constituída no sentido amplo da palavra, com culto, rituais, dogmas, templos e clero, é, todavia, uma doutrina que se baseia na existência de Deus, tem Jesus, o Cristo, como seu supremo chefe espiritual e está moralmente alicerçada nas leis divinas. A Doutrina Espírita está irmanada com o humilde Cristianismo do Cristo, dos Apóstolos e dos primitivos cristãos.

Explica Allan Kardec:

“O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura.”

O Espiritismo acata a liberdade do pensamento, até mesmo no que respeita à crença religiosa de cada um. O que se torna importante é que todo o espírita tenha a plena convicção de que ele está neste mundo — como diz Kardec — para cumprir uma missão, que é a de efetuar o seu progresso espiritual, sendo a vida material seu campo de experiências.

A crença nos Espíritos existe desde os tempos imemoriais e era comum entre o povo hebreu na época do Cristo. É já bem conhecido dos leitores do Evangelho o fenômeno de materialização dos Espíritos por ocasião da transfiguração de Jesus, estando ele em companhia de Pedro, Tiago e seu irmão João.

Jesus se manifesta depois da sua morte. Entre as suas várias aparições post mortem, existe aquela que foi a mais comvente, em que Ele se revela a Maria Madalena, quando ela foi visitá-lo no seu sepulcro e o encontrou vazio. Quando a viu chorando, aflita, julgando que o seu corpo tivesse sido roubado, Ele a chamou pelo nome: — Maria! — Mestre! — respondeu ela, aliviada.

Jesus era um Espírito puro o que lhe permitia total liberdade de se materializar quantas vezes quisesse, a fim de reforçar nos seus discípulos a fé e a coragem para o prosseguimento da sua missão. Jesus foi mais poderoso, mais amado e mais venerado depois de morto do que quando vivo. Todos os fenômenos narrados pelo Evangelho, incluindo a forma luminosa e etérea e a

voz, como vindo do Além, com que se manifestou a Paulo na estrada de Damasco, vêm corroborar as teses da Doutrina Espírita.

No Espiritismo são minuciosamente explicados os fenômenos relativos à evolução da alma e o seu destino, embora esses esclarecimentos sejam erroneamente interpretados pela Igreja como “milagres”. O milagre, propriamente dito, significando algo de sobrenatural, não existe. O que existe é uma curta e distorcida visão das coisas que, não obstante serem incompreensíveis à nossa limitada capacidade perceptiva, estão evidentemente dentro das leis naturais. Temos que partir da premissa, já universalmente aceita, de que nada existe no Universo fora da Natureza.

Uma vez que o Antigo e o Novo Testamentos estão repletos de casos que envolvem fenômenos espirituais, atualmente explicados e codificados por Allan Kardec, não se vê qual a razão por que o Espiritismo deva ser abominado pelos adeptos do Catolicismo, ou de qualquer outra religião. Vemos que tanto o Catolicismo como o Espiritismo admitem a imortalidade da alma, com a diferença de que a Igreja de Roma condena as almas pecadoras ao suplício do inferno de fogo, enquanto o Espiritismo, mais em harmonia com Jesus, lhes oferece amplas oportunidades de se redimirem, baseado no princípio divino de que todo Espírito, tarde ou cedo, deve alcançar a perfeição, de acordo com a suprema bondade e o amor infinito de Deus.

Desde a sua codificação em 1857 e ao longo de mais de um século de acerbas críticas e constante perseguição, mas também de impressionante progresso e firme solidariedade, nenhuma filosofia ou doutrina tem demonstrado maior abnegação, paciência, tolerância, respeito aos seus adeptos e detratores, amor fraternal e caridade, do que o Espiritismo.

Muitos, por desconhecimento, ou levados intencionalmente por pessoas hostis, misturam o Espiritismo com as artes mágicas, o ocultismo, afeitiçaria, etc., o que serve apenas para confundir a mente das pessoas indecisas e afastá-las do verdadeiro Espiritismo, que, além de ser considerado uma doutrina filosófica e científica, é, para todos os efeitos, uma religião, baseada nas eternas leis de Deus.

No sentido prático, o Espiritismo facilita a compreensão dos Evangelhos, das previsões feitas por antigos profetas e das empolgantes narrativas dos tempos bíblicos.

O Espiritismo não está baseado em suposições, nem em superstições, mas em fatos atestados por homens de elevada cultura e de indiscutível integridade. Ele abrange o mundo visível e o invisível, a natureza material e a espiritual, e revela que o “outro mundo” não é apenas um estado simbólico, mas uma autêntica realidade, onde a alma, o ser real, continua a existir. E, acima de tudo, o Espiritismo nos indica o caminho certo a trilhar para a redenção e purificação da alma, pela prática do bem e da caridade, do amor e da fraternidade, revivendo, assim, a eterna mensagem sagrada de Jesus de Nazaré, hoje, infelizmente, quase esquecida. ●

Estatura Espiritual

IAPONAN ALBUQUERQUE DA SILVA

Naquela manhã, à hora de costume, saímos, como todos os dias, em demanda aos nossos afazeres cotidianos.

Em obediência a antigo hábito, fizemos uma parada junto à banca de jornais para ler as manchetes. Como sempre, havia de tudo, desde as notícias sóbrias, necessárias e embevecedoras até as de aspectos nocivos, extrovertidos, sangrentos e deprimentes.

Final de contas, coisas do jornalismo pátrio, nem sempre atento à boa ética que deve nortear todos aqueles que se dão à nobre profissão de informar.

Obviamente, desinformar ou noticiar o desnecessário são incongruências em que incorrem certos panfletários, com a passiva e estranha convivência dos que, estando nos altos postos dos órgãos de divulgação, permitem-lhes tais excessos.

Mas, fiquemos neste ligeiro preâmbulo, porque não é nosso intuito escrever especificamente sobre diatribes jornalísticas. Assim, vamos ao nosso objetivo.

Após a leitura das manchetes, fáceis de serem lidas, porque figuram em periódicos colocados em plano de muita evidência nas bancas, baixamos os olhos e divisamos algo que nos despertou a curiosidade: pequena revista, dentre as muitas que ali estavam expostas, anunciava, com destaque, o seguinte: — “Aumente sua estatura”.

Era mais um veículo de difusão proclamando o valor da eugenia física, encarando-a sob determinado aspecto — o crescimento.

Ora, amigos, não que sejamos contra o desenvolvimento equilibrado do físico humano, ou desconheçamos os valores genuínos que podemos acrescentar à nossa evolução física, através da ginástica, por exemplo, mas o anúncio nos pareceu muito bem endereçado aos complexados pela altura ou àqueles não espiritualizados.

Convenhamos em que, se é necessário ter-se saúde física e até crescer em altura, não menos necessário será termos euforia de crescimento espiritual.

Crescer, como crescem os brutos, em músculos e tamanho, sem o devido desenvolvimento moral e espiritual é, se nos permitem a franqueza, crescer como a cauda do cavalo — para baixo. Acrescentemos, com o necessário respeito aos altos, que “baixinhos” notáveis deixaram seus nomes gravados indelevelmente na história dos povos e nações.

Sem precisarmos ir a muitas citações em tal sentido, lembremo-nos da figura ímpar e inconfundível de Rui Barbosa, mestre por excelência do Direito Internacional, reconhecido por gregos e troianos como homem de invulgar gabarito, a ponto de ser cognominado “Águia de Haia”.

Louvemos a eugenia corporal, mas lembremo-nos de que o homem não deve apenas caracterizar-se por possuir um belo rosto, um musculoso corpo, ou uma altura invejável.

Acima de tudo, lembremos que sua missão espiritual na face da Terra é a necessidade de seu crescimento espiritual, a fim de que possa refletir, em sua estatura íntima, aquela assertiva do Senhor Jesus, contida em Mateus, capítulo V, versículo 48: “Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai Celestial”.

●

A FEB e o Esperanto

O Futuro Chegou!

ISMAEL DE MIRANDA E SILVA

Estas palavras encerram uma esperança permanente de Ismael Gomes Braga e foram expressas por ocasião do 1º Congresso Espírita Mineiro, realizado no ano de 1940. Então, o grande pioneiro fazia a apologia do uso da Língua Internacional Neutra pelos espíritas, nos trabalhos de difusão e propaganda da Doutrina Científica, Filosófica e Religiosa codificada por Allan Kardec. Dizia o eminente e saudoso espírita-esperantista que aquela pretensão talvez fosse utópica, no sentido etimológico, mas que, todavia, poderia vir a ser um projeto viável. E perguntava: quem sabe, daqui a alguns anos estaremos todos reunidos em um congresso a falar em Esperanto?

E nós lembramos que utopia maior era pensar, há quinze anos, na realização de uma concentração de espíritas em Portugal. No entanto, tivemos, em outubro de 1998, o esplendoroso 2º Congresso Espírita Mundial na cidade de Lisboa. Nessa oportunidade, e no quadro do Congresso, foi realizada uma palestra sobre a necessidade, oportunidade e exeqüibilidade do uso do Esperanto como língua de trabalho nos círculos espíritas.

Agora, em outubro de 1999, o Conselho Espírita Internacional (CEI), reunido na cidade de Montevideú, Uruguai, convida a CAPEMI para aprofundar o intercâmbio entre os dois alentadores ideais. Esta Instituição, por intermédio do Lar Fabiano de Cristo (LFC), reuniu, em quatro encontros mensais, companheiros espíritas-esperantistas do próprio Lar Fabiano de Cristo, da Sociedade Editora Espírita F. V. Lorenz, da Associação Mundo Espírita, da Federação Espírita Brasileira, da União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ), do Movimento Espírita de Juiz de Fora (MG) e de círculos não-espíritas, para traçar um plano de ação com vistas a apresentar o Esperanto aos membros daquele órgão espírita internacional. O trabalho, realizado em clima de legítima fraternidade, resultou na entrega de um conjunto de mensagens, livros, fitas cassete, material didático a cada um dos delegados do CEI, bem como na realização de uma exposição oral em dois tempos:

- a cargo do Prof. José Passini, de Juiz de Fora, sobre a estrutura do Esperanto, sua enorme facilidade de aprendizado em comparação com as demais línguas nacionais;
- a cargo de Ismael de Miranda e Silva, do Rio de Janeiro, sobre as vantagens do uso do Esperanto, bem como sobre depoimentos dos Espíritos a respeito das excelências do idioma, principalmente sobre a superioridade de sua ideologia voltada para a fraternidade entre indivíduos e povos.
- Na primeira parte, embora de forma bem sucinta, foram expostas e comentadas as 16 regras invariáveis da gramática do Esperanto, o que causou singular admiração em todos, principalmente pela facilidade de seu aprendizado. O impacto foi de tal ordem que houve a promessa formal de alguns delegados de que se dedicariam ao estudo da língua com vistas a um teste na próxima reunião do Conselho Espírita Internacional, a realizar-se na Guatemala durante o 3º Congresso Espírita Mundial.
- Na segunda parte, foram mencionadas, entre muitas vantagens do uso do Esperanto, as seguintes:
 - redução ao mínimo, da necessidade de intérpretes e tradutores;
 - redução, no estudo do Esperanto, do tempo de aprendizagem em comparação com as línguas nacionais: enquanto se gastam 700 horas para se alcançar determinado nível nas línguas nacionais, gasta-se apenas 1/7 (100 horas) para se atingir o mesmo nível em Esperanto;
 - redução das incompreensões advindas da tradução e da interpretação.

Quanto aos depoimentos de Espíritos que se têm pronunciado sobre o Esperanto,

mencionaram-se os seguintes: Cruz e Souza, Emílio de Menezes, Patrícia, F. V. Lorenz, Cornélio Pires, Ismael Gomes Braga, Porto Carreiro Neto, Estevina Magalhães, Abel Gomes, João Ernesto, Medeiros e Albuquerque, Lázaro Luís Zamenhof, Honoré de Balzac, Castro Alves, Bezerra de Menezes, Emmanuel, Camilo Castelo Branco, Charles, Leon Tolstoi. Foram projetadas transparências em português e espanhol.

Assim como a linguagem do homem comum está a serviço da necessidade que a criou e a linguagem do filósofo deve veicular pensamentos refinados cuja abstração o afasta da materialidade, podemos induzir que a dos Espíritos superiores, nos altos planos da Espiritualidade, possui um léxico de riqueza ainda inapreciável para a nossa sensibilidade, uma gramática da frase e do discurso em que o pensamento flui sem obstáculos e um estilo capaz de colorir a metáfora e de plasmar imagens precisas no fluido universal, criando a forma. Todavia, vejamos parte do diálogo entre André Luiz e Lísias na obra “Nosso Lar” (Cap. 24): “(...) Estamos ainda muito longe das regiões ideais da mente pura. Tal como na Terra, os que se afinam perfeitamente entre si podem permutar pensamentos, sem as barreiras idiomáticas; mas, de modo geral, não podemos prescindir da forma, no lato sentido da expressão. (...) Os patrimônios nacionais e lingüísticos remanescem ainda aqui, condicionados a fronteiras psíquicas.”

Embora impossibilitado de comparecer à reunião em Montevidéu, o Dr. João José dos Santos, que participou, em Lisboa, do primeiro trabalho esperantista em congresso do CEI, enviou significativa contribuição aos trabalhos do conclave.

Os trabalhos em torno do Esperanto, no memorável Encontro de Montevidéu, culminaram com a explicitação das razões por que os espíritas devem estudá-lo, usá-lo em suas relações internacionais, divulgá-lo:

- para ajudar a Humanidade a entender-se, facilitando as relações em todos os níveis, com vistas a que um dia se eliminem da Terra os flagelos da guerra, da fome e de tantas outras misérias, materiais e morais;
- para que esse entendimento flua sem os prejuízos que a multiplicidade das línguas impõe, em detrimento da justiça e da fraternidade que devem reinar entre todos os povos;
- para preservar a riqueza lingüística do Planeta, evitando a extinção de línguas e culturas ditas minoritárias, de modo que cada povo tenha a sua língua e todos disponham de uma língua neutra, planejada, bela, flexível, para as relações internacionais; para que a cultura de cada povo não encontre barreiras para se dar a conhecer;
- para ajudar o Movimento Espírita Mundial que está a crescer a olhos vistos, evitando-lhe o problema dos custos das traduções e dos diversos prejuízos delas decorrentes; hoje têm representação no CEI alguns países com meia dúzia de línguas, amanhã, crescendo em número, como desejamos que assim seja, não teremos que temer a maldição de Babel;
- porque o Esperanto, sendo uma criação dos Espíritos para o progresso moral da Humanidade, identifica-se com o objetivo maior do Espiritismo;
- para que, ao regressarmos à Pátria Espiritual, possamos comunicar-nos com todos os irmãos oriundos desta e de outras terras e, assim, superar as limitações lingüísticas e as fronteiras geográficas;
- porque o Esperanto faz parte do Plano Diretor Divino da Evolução da Humanidade Terrena.

Espíritas, alinhemo-nos entre os pioneiros da Humanidade planetária do futuro, os construtores da Nova Era de Regeneração! Estudemos o Esperanto, usemo-lo em nossos círculos, vivamos seus nobres ideais! ●

Trovas do Além

Ensino que vejo,
Nos climas de toda idade:
Quanto maior o desejo,
Menor a felicidade.

Felicidade real
Que não sofre contradita:
Aquele que vive oculto
Nos males que a gente evita.

Quem sofre com paciência
Cria, aprende, vence, alcança...
Desespero é a dor do fraco
Que vive sem esperança.

Vida terrena — uma noite
De excursão atribulada!...
Dor — a lanterna bendita
Nas sombras da caminhada.

TONINHO BITENCOURT

(Do livro "Trovas do Outro Mundo", psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, 3. ed. FEB.)

O Poder do Amor

PAULO DE TARSO SÃO THIAGO

A frase-título acima costuma muitas vezes ser entendida como uma bela metáfora. Como uma maneira poética de se fazer apologia de um sentimento idealizado. O amor seria algo abstrato, justamente por ser um sentimento, e, como tal, não poderia ter poder real. Poder, segundo esta forma de perceber as coisas, subentende necessariamente concretude. É o poder da força, o poder militar, o poder político, o poder da tirania, o poder econômico...

Pobre do amor! Ele não contém substância e portanto não dispõe de força e nem de poder.

Esta concepção, aparentemente positiva e realista, erra exatamente por carência de informação e, complementarmente, por uma espécie de preconceito filosófico-científico perante tudo o que não seja considerado material, “palpável”, cartesiano... Paradoxalmente, porém, a própria Ciência faz concessões imensas a teorias e modelos no campo energético-material, alguns dos quais se situam no limiar da ficção ou do esoterismo. Como exemplos, citamos o modelo einsteiniano do espaço curvo e finito; um dos conceitos de buraco negro, como sendo “(...) Região do espaço-tempo intensamente curva que consiste numa singularidade cercada por um horizonte de eventos”; a idéia de que uma grande explosão (Big-Bang), desencadeada a partir de um “ponto” que continha toda a matéria existente em condição de densidade infinita e volume virtual, teria dado origem ao Universo...

O amor tem um poder incomensurável. Basta dizer que “Deus é amor” e, é através desse amor, que Ele cria, dispõe, gerencia e proporciona vida e oportunidade de evolução e de felicidade às suas criaturas.

Paulo, o apóstolo dos gentios, como fora alcunhado, escreveu, na I Epístola aos Coríntios (13:1): “Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como bronze que ressoa ou címbalo que retine (...).” Não seria adular o pensamento de Paulo, se substituirmos na frase a palavra caridade pela palavra amor, porque a caridade, no sentido profundo e verdadeiro, é fruto maduro e imediato do amor. Não se pode conceber caridade sem o impulso do amor.

Renan¹ assume essa liberdade literária e faz a substituição, na transcrição dessa epístola, dando mostras de ter compreendido o sentido subjacente do pensamento de Paulo. Ao mesmo tempo, assim procedendo, ele deixa transparecer que a concepção de caridade já tinha sido subvertida em sua época. Nada tem a ver com caridade o ato automático da esmola degradante, em que a misericórdia se encontra ausente e a dignidade se evapora.

O poder do amor reside em algo concreto e não abstrato. Seus efeitos positivos e verdadeiramente “milagrosos” resultam da ação efetiva da vontade dirigida para o bem, para a compaixão, para a ternura, para o carinho... Quando quaisquer destes sentimentos fazem-se presentes na intimidade do ser, são postos em ação mecanismos volitivos que acionam energias mentais ainda mal compreendidas pela Ciência positiva.

A Doutrina Espírita, particularmente através dos Espíritos Reveladores, tem nos proporcionado algumas informações sobre o assunto. O raciocínio dedutivo procura preencher certas lacunas que ainda permanecem, com o suporte, sem dúvida importante, que advém dos novos conhecimentos sobre o binômio matéria-energia. A este respeito, a chamada Física Moderna, que compreende a teoria da relatividade e a física quântica, sem o perceber e de modo não intencional, vem trilhando um caminho convergente com a Revelação Espírita.

Esta, com base nas obras da Codificação, particularmente em “O Livro dos Espíritos” e em “A Gênese”, complementadas por uma conspícua literatura espírita que se seguiu, informa que a matéria, tal como se apresenta no Mundo, sob forma sólida, líquida, gasosa e energética, corresponde apenas a uma pequena parcela das diversificadas maneiras de apresentação. Todas elas, contudo, desde a mais sólida e palpável, até a mais sutil e imponderável, são especializações provenientes de uma única substância primitiva. Os Espíritos codificadores denominaram-na fluido cósmico universal, fluido elementar ou primitivo. Se quisermos utilizar uma linguagem mais moderna, poderemos chamar essa substância de energia cósmica universal, o que na prática não altera nada. Na época de Kardec, em meados do século XIX, fazia-se uso corrente da palavra fluido, para designar o que hoje entendemos por energia. Dizia-se então fluido elétrico e fluido calórico, ao invés de energia elétrica e energia calorífica.

O fluido cósmico é a matriz, o “elemento” primordial, a partir do qual todas as coisas são engendradas. Uma das especializações desse fluido é o que André Luiz² denomina de pensamento contínuo, com as sinónimas, por ele mesmo propostas, de fluido mental, matéria mental e fluido vivo. Escreve André Luiz: “(...) Esse fluido é o seu próprio pensamento contínuo,

gerando potenciais energéticos com que não havia sonhado.

Decerto que na esfera nova de ação, a que se vê arrebatado pela morte, encontra a matéria conhecida no Mundo, em nova escala vibratória.

Elementos atômicos mais complicados e sutis, aquém do hidrogênio e além do urânio, em forma diversa em que se caracterizam na gleba planetária, engrandecem-lhe a série estequiogenética (...).”

Note-se que André Luiz afirma que existem na Natureza, compondo a estrutura do pensamento contínuo e, portanto, do fluido cósmico, como sua matriz, elementos químicos mais sutis que o hidrogênio. Ora, como o hidrogênio é constituído apenas por um próton e um elétron, podemos deduzir, dentro das limitações a que estamos jungidos, que aqueles elementos devem ser formados por partículas ainda mais singelas que prótons e elétrons. Daí as suas características de ínfima ponderabilidade e densidade e de grande plasticidade. São tais características que permitem a realização de “maravilhas” e “prodígios” de natureza psíquica e plástica, no âmbito dos fenômenos anímicos e mediúnicos.

O que André Luiz denomina de pensamento contínuo não é aquele pensamento elaborado na mente do Espírito. Este, enquanto ideação espiritual, enquanto vontade, é como que a força eletromotriz que, ao gerar uma diferença de potencial, induz a formação de uma corrente elétrica. Ou seja, a vontade-pensamento do Espírito, a qual não é constituída de princípio material, gera o fluxo de pensamento contínuo, utilizando-se das estruturas perispirituais e do fluido cósmico universal, como fonte inesgotável de matéria e energia.

O pensamento contínuo, como matéria mental, propaga-se com velocidade incomensurável, podendo exercer ação efetiva sobre o ambiente, os seres humanos e os seres vivos em geral. Os efeitos obtidos estão na dependência da natureza do pensamento-ideação e dos propósitos do emitente. Diante de pessoas portadoras de enfermidades graves, ou envoltas em clima de desespero, sentimentos de misericórdia e compaixão, aliados à vontade de agir, estimulam a produção de poderosos fluxos de pensamento contínuo, com propriedades curativas.

Quando a Ciência positiva “descobrir” e incorporar, no seu acervo de conhecimentos, essas formas de energia, a Medicina dará um passo considerável no campo da terapêutica.

O hipnotismo e a telepatia igualmente são fenômenos estritamente vinculados à propagação do pensamento. A telepatia não consiste na percepção extra-sensorial do pensamento de outrem, onde ele é gerado, mas este é que se propaga e é alhures captado.

Pensamentos e sentimentos negativos, voltados para o mal, geram igualmente fluxos de onda de matéria mental. Estes, contudo, diferenciam-se daqueles produzidos por sentimentos bons, nas suas características físicas, particularmente na frequência e no comprimento de onda. Em obediência à lei de ação e reação, essas emissões negativas retornam, qual bumerangue, a quem as emitiu, causando-lhe perturbação e sofrimento.

As idéias e sentimentos, em especial o sentimento de amor, não se restringem ao componente abstrato, enquanto ideação. Concretizam-se, adquirem substância e propagam-se, a partir do foco irradiador, constituindo-se em poderosa força universal. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- 1 . RENAN, Ernest. São Paulo. Lello & Irmão editores. Porto, Portugal, cap. XIV, p. 302-303.
- 2 . XAVIER, Francisco C. e VIEIRA, Waldo. Evolução em Dois Mundos, pelo Espírito André Luiz, 18. ed. FEB, cap. XIII, pág. 96.

Preparação para a Morte

UMBERTO FERREIRA

Os brasileiros, de um modo geral, não gostam de falar sobre a morte, sobretudo a própria morte ou dos entes próximos. Essa resistência parece cultural, talvez como consequência da visão que se tem, não só da morte em si, como da vida espiritual. A consequência desse comportamento é o despreparo para esse acontecimento inevitável.

A Doutrina Espírita nos apresenta uma visão bem diferente desse fenômeno. A palavra mais adequada para designar a morte é “desencarnação”, porque apenas o corpo morre. O espírito, que é o ser pensante, passa para uma outra dimensão de vida. E desencarnação não significa o fim, mas a continuidade da vida numa situação melhor, especialmente para quem procura agir de acordo com as leis de Deus.

O ideal é que nos preparemos para todos os acontecimentos, entre eles a desencarnação. E não só para a nossa própria passagem, como de nossos entes queridos.

É importante ressaltar que, se sofremos quando nos preparamos, sem preparação sofremos muito mais.

Joanna de Ângelis nos adverte: “É compreensível e necessário que o ser inteligente reserve tempo para a reflexão em torno desse fatalismo inexorável. Postergar a meditação a seu respeito, por medo ou ilusão materialista, oculta imaturidade psicológica que o tempo descaracterizará.” (REFORMADOR, novembro de 1999, página 9.)

O alerta é oportuno, porque o espírita, de um modo geral, apesar de compreender melhor a vida espiritual, não tem cuidado da necessária preparação.

Como nos ensina Joanna de Ângelis, há necessidade de se reservar tempo para a reflexão em torno do assunto.

Se não nos preparamos para a desencarnação, igualmente não temos incluído na educação dos filhos considerações a respeito do tema. Quase sempre só os preparamos para a vida longa na Terra, como se todos estivessem destinados a desencarnar em idade avançada.

É importante preparar-nos e incluir no processo educativo a consciência de que a desencarnação é um fenômeno natural e que significa libertação, sobretudo para aqueles que procuram colocar em prática os ensinamentos evangélico-doutrinários. ●

O Legado de Paulo

MAURO OPERTI

Quando lemos a carta de Paulo aos Romanos, deparamos com uma passagem de tanta força e pertinência que varou os séculos e encontrou eco nos corações de todos nós, homens frágeis, que nos sentimos subjugados ao peso do passado que aflora, às vezes, com muita violência.

“Com efeito, não faço o bem que eu quero, mas pratico o mal que não quero.” (Romanos, 7:19.)

No seu contexto original, a frase de Paulo expressa o grito de uma alma apaixonada, que constata pesarosa a presença, dentro de si, do pecado original. O pecado original é a mancha herdada de Adão, o primeiro homem, que desobedeceu às ordens de Deus, no Jardim do Éden. Essa visão, adotada pelas igrejas cristãs, marcou a história religiosa do mundo ocidental, estabelecendo padrões de afeição moral e regras de comportamento que provocaram o retardamento do crescimento espiritual da Humanidade.

A visão doutrinária espírita da origem do mal e da imperfeição moral em nós não é essa, evidentemente. Para nós, espíritas, não existe outra explicação para a nossa inferioridade que não resida exclusivamente no nosso livre-arbítrio, este, sim, a marca indelével de Deus no ser espiritual.

Não nos é difícil entender, porém, como nasceu em Paulo o sentimento da impotência pessoal, diante dos aspectos menos trabalhados do seu próprio comportamento. Talvez as suas emoções ainda descontroladas, a dificuldade de aceitar a fragilidade daqueles que procurara encaminhar e orientar ou, quem sabe, o grito das exigências do corpo físico, a sensualidade explosiva misturada às delicadezas do afeto. Coisas que nos são próprias a nós, caminhantes do meio do caminho.

Para Paulo, dono de uma energia muito acima das expressões mornas do psiquismo da maioria das criaturas humanas, tornava-se difícil entender como poderia ele ter sido resgatado das garras da iniquidade para uma vida de clarezas e alegrias espirituais, depois de uma existência inteira devotada à fé judaica levada às conseqüências mais extremas, talvez até à violência e à morte.

O que, senão o dom gratuito do Cristo, poderia tê-lo salvado? É justo pensar que, no coração de Paulo, a gratuidade da intervenção de Jesus fosse o fator dominante da sua salvação. Na sua nova visão, que haveria de valor no seu próprio coração, que papel poderia ter tido a sua própria vontade, para mudar tão bruscamente o rumo da sua vida?

É natural que daí crescesse o conceito da sua inferioridade essencial e da presença dominadora do Cristo para anulá-la gratuitamente. Estendê-la a todos os homens não foi senão um passo adiante.

Foi Paulo quem criou a idéia do pecado original ou foi ele quem lhe deu forma e coloriu vivamente com sua experiência pessoal?

Faltava-lhe a noção de reencarnação, idéia que já era velha em outras culturas, mas que dificilmente medraria em uma sociedade de estruturas rígidas e formais como a sociedade judaica da época. Talvez que algumas pessoas nos círculos mais informados conhecessem a idéia, possivelmente de forma esquemática e simplista, sem o aprofundamento e as conseqüências morais que hoje os espíritas associamos a ela. Lembremo-nos de que no episódio relatado nos Evangelhos, da visita de Nicodemos a Jesus, se podemos inferir que os doutores da Lei deveriam conhecer a doutrina dos renascimentos, também inferimos que alguns, pelo menos, não a conheciam...

Paulo nos deixou duas faces. A face do teólogo legou idéias e conceitos que foram levados às últimas e nefastas conseqüências pelas igrejas. A face do homem de fogo seduz e modifica o coração dos homens ainda hoje, pelas frases tocadas de emoção, com palavras exatas que expressam tanto a nossa fragilidade como as forças renovadoras da nossa alma.

Às vezes tentamos atenuar algumas idéias ou conceitos mais chocantes (como esse do pecado original), trazidos pela face teológica de Paulo, lendo-os através da nossa ótica espírita. Isto é, lemos o que queremos e não o que está escrito.

Nossos irmãos católicos e protestantes usam da mesma técnica na sua exegese, quando interpretam metaforicamente a expressão de Jesus ligando Elias a João Batista e a resposta de Jesus a Nicodemos sobre o “nascer de novo”, ambas falando (para nós) claramente de reencarnação.

Isto, porém, não nos deve assustar, a nós espíritas. Paulo era um homem plenamente

integrado com a linguagem, os costumes e as idéias da sua época. Ainda assim reconhecemos nele o apaixonado divulgador da mensagem renovadora do Evangelho e, principalmente, da figura de Jesus como um pólo aglutinador dos corações humanos necessitados de elevação.

Foi ele quem nos ensinou a buscar em Jesus, como espírito ligado diretamente às potências espirituais elevadas, a força que criaturas inumeráveis têm identificado nestes dois milênios. A transcendência desse contato vai muitíssimo além da compensação puramente psicológica com que tantos críticos superficiais tentam interpretar e explicar o impacto do Evangelho sobre o psiquismo humano. É ele que tem feito que o Cristianismo tenha resistido aos erros dos homens e ao apodrecimento das instituições eclesiásticas, tanto quanto ao progresso das idéias e da Ciência.

Que importa, pois, que Paulo tenha obrado e sentido como um judeu do primeiro século? Assim também fez Kardec, um professor francês típico da primeira metade do século passado, cujas expressões e conhecimentos eram os da sua época.

Do material que tinham, do fluxo das idéias que fervilhavam no meio em que viviam, construíram novas formas de pensamento e ensinaram a abordar de forma diferente os dilemas morais que assombram os homens desde sempre...

“Eu não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero.”

O Paulo que amamos nos envolve consigo porque é o homem que ainda somos e já é o homem que sonhamos ser.

Que podemos nós conhecer das mais profundas necessidades de uma alma, no centro de tormentas morais intraduzíveis? O grito de Paulo é o mesmo grito que nasce de tantos, quando as lutas interiores se avolumam. A solução encontrada por Paulo para o dilema da presença do mal na alma do homem não é a solução adequada. A herança do pecado e a atribuição a Jesus do poder de apagá-lo pelo seu próprio sacrifício, prescindindo do aguilhão da expiação e do esforço da reparação, são uma visão estreita da realidade espiritual. Não terão sido, porém, essas idéias a tábua de salvação para tantas almas ainda impossibilitadas de encontrar uma resposta justa e racional?

Uma figura como Paulo não necessita ser santificada nem mitificada. Basta-lhe a grandeza de homem que, lutando as mesmas lutas que nós lutamos e dispondo dos mesmos instrumentos de que nós dispomos, realizou a tarefa para a qual foi convocado.

É por isto que o admiramos. E é por isto que o amamos. ●

Servir a Deus e a Mamom

ROBINSON SOARES PEREIRA

Em “O Evangelho segundo o Espiritismo”¹, relata Lucas: “Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará a um e amará a outro, ou se prenderá a um e desprezará o outro. Não podeis servir simultaneamente a Deus e a Mamom.” Ou seja, servir a Deus (espiritualização) e aos gozos materiais (materialidade) ao mesmo tempo. Um será sacrificado em benefício do outro.

Embora nos dias atuais, em face das conquistas tecnológicas, as pessoas sintam a necessidade de um maior conforto nesse aspecto material, pois os atrativos incrementados pelos meios de comunicação despertam, cada vez mais, o desejo das pessoas em adquirir coisas, ainda assim, não se pode olvidar que do mundo material nada levaremos para a verdadeira vida que é a vida espiritual.

Muitos indivíduos, até mesmo religiosos, esquecem-se dessa realidade e atormentam-se com as dificuldades diante das carências materiais. Preocupando-se em excesso com o que comer, beber, vestir amanhã, em desacordo com a passagem do Mestre Jesus que diz: “Não vos inquieteis, pois, dizendo: que comeremos? ou: que beberemos? ou: de que nos vestiremos? — como fazem os pagãos, que andam à procura de todas essas coisas; porque vosso Pai sabe que tendes necessidade delas. Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça, que todas essas coisas vos serão dadas de acréscimo. — Assim, pois, não vos ponhais inquietos pelo dia de amanhã, porquanto o amanhã cuidará de si. A cada dia basta o seu mal.”²

É óbvio e os Espíritos nos explicam que não devemos deixar de ser previdentes, mas não “doentes” em busca de tais coisas. Por isso, lamentavelmente, vemos com muita frequência pessoas que ainda permanecem fortemente atadas a vícios como ganância, avareza, cobiça, vaidade, orgulho, filhos do egoísmo não erradicado, comprometendo toda a sua existência.

Muitos desses, mesmo quando “espíritos” ao assumirem posições de mando, tornam-se, por suas imperfeições, autoritários, tirânicos, esquecendo de ser benevolentes, indulgentes, caridosos com os que estão a sua volta ou em situação de subordinação.

Lêem, estudam, mas não colocam em prática as lições abençoadas contidas nos postulados do Consolador prometido por Jesus, que é a Doutrina Espírita.

Portanto, é preciso juntar tesouros da “alma” e desenvolver em si a religiosidade sincera da fé racional que o Espiritismo nos mostra, transformando a nossa vida inteiramente, para somarmos valores éticos e morais à nossa bagagem existencial.

Sem dúvida, esse grande dilema que assola os “indecisos”, no momento atual do Planeta, é a prova inequívoca de que cada um está sendo convidado a fazer a sua opção pessoal. Continuar materialmente impregnado ou espiritualizar-se para viver dias melhores na Terra regenerada...

As palavras do Cristo são claras: — Aqueles que gozam dos privilégios do mundo material já estão confortados aqui. Enquanto que os deserdados da atualidade serão recompensados na vida maior.

Parece fácil a escolha. Mas uma grande parte dos encarnados ainda vivem apenas o imediatismo do presente, não conseguindo enxergar a gravidade do momento atual, prorrogando o próprio sofrimento e adiando a regeneração das suas vidas. Tempo perdido que não retorna mais... ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo, 111. ed. FEB, 1995, cap. XVI, item 1.
2. Idem, ibidem, cap. XXV, item 6.

Descartes e os Valores Espirituais

RICARDO DI BERNARDI

Apesar de se considerar moderna, e até elegante, a referência pejorativa aos postulados de Newton e Descartes, que estariam sendo substituídos pela visão atual da Física Quântica, cumpre-nos prestar uma homenagem a um dos maiores vultos da Humanidade, René Descartes.

Filósofo, físico e matemático francês (Touraine 1596, Estocolmo (1650), deixou em muitas de suas obras conteúdos nitidamente espiritualistas, dentre as quais destacamos: “Regras para a Direção do Espírito” (1628), “Meditações Metafísicas” (1641) e principalmente “Paixões da Alma” (1649), que nos impressionam pela profundidade e sensibilidade espiritual em pleno século XVII obscurecido pelo fanatismo religioso.

Descartes criou a geometria analítica e sua física mecanicista serviu de base para Galileu e Newton desenvolverem suas pesquisas. No terreno da filosofia, considerava essencial para a existência do homem o ato de pensar. Teve a sabedoria de dizer que sua ética sempre a consideraria provisória. São expressões cartesianas: Assim como o calor e o movimento procedem do corpo, os pensamentos procedem da alma. Nos seus escritos sempre procurou distinguir corpo e alma como elementos distintos embora inter-relacionados.

Segundo Descartes existiria no cérebro uma glândula que seria o local onde a alma se fixaria mais intensamente conforme diz em “Carta a Mersenne”, de 24 de dezembro de 1640. Provavelmente seria a pineal esta glândula, coincidindo com a posição das modernas doutrinas espiritualistas e se aproximando dos atuais conceitos espíritas.

Desconhecendo, na época, os circuitos elétricos ou as noções de matéria fluídica, consegue num maravilhoso lampejo intuitivo admitir a existência de um “ar muito sutil” que chamou de “espíritos animais”. Os “espíritos animais” seriam, para Descartes, corpos muito pequenos que se moviam depressa como as partes da chama de uma tocha.

Na visão cartesiana a pineal seria captadora de todas as impressões corporais através de uma energia que circula no organismo: os “espíritos animais”. Considerava que estas energias depois de captadas pela pineal seriam transmitidas à alma. Também sob a regência desta glândula, os chamados “espíritos animais” permitiriam que a alma atuasse sobre o corpo.

Ao contrário de certas correntes religiosas, Descartes afirma em seus trabalhos que a morte nunca sobrevém por culpa da alma, mas somente porque alguma das principais partes do corpo se lesiona. Hoje, estudamos na ciência espírita que as lesões orgânicas determinam a perda do fluido vital com o conseqüente desligamento do binômio perispírito-espírito do corpo físico.

Observemos, com atenção, a semelhança do pensamento cartesiano com a visão doutrinária espírita, guardadas as devidas proporções e não nos esquecendo de que foram seus escritos efetuados há mais de três séculos.

Da obra “Paixões da Alma”:

“A união da alma com o corpo se faz conjuntamente em todas as partes do corpo e não se situa em apenas um local.” (Página 88.)

“As paixões da alma são sentidas no coração graças ao movimento dos “espíritos animais” (circuitos energéticos) que ligam o coração à glândula cerebral (pineal).” (Páginas 77-97.)

“Orgulhoso é aquele que imagina ter méritos e por eles deve ser estimado.” (Páginas 135-155.)

“Vergonha é uma espécie de tristeza fundada no amor próprio e na desconfiança. Provém do temor de sermos censurados.” (Páginas 135-155.)

“Zombaria é uma alegria sutilmente mesclada com ódio.” (Páginas 135-155.)

“Inveja é um desgosto (mescla de tristeza e ódio) com o bem que se vê acontecer a outros.” (Páginas 135-155.)

“Humildade consiste em perceber a própria debilidade e compreender a possibilidade de se cometer as falhas que outros cometem.” (Páginas 135-155.)

“As lágrimas não estão presentes nas grandes tristezas como o riso não está presente nas grandes alegrias.” (Páginas 99-134.)

“A generosidade consiste em conhecer que nada nos pertence exceto o livre-arbítrio (livre disposição das vontades).” (Páginas 135-155.)

“O conhecimento da verdade é fundamental para que a alma possa superar as suas

paixões." (Páginas 77-97.)

Nossos agradecimentos a este Espírito que, muitos séculos atrás, já nos trouxe tanto ensinamento e, hoje, sem dúvida, é um Espírito ainda mais iluminado pelo amor e pela sabedoria universal. ●

Retificando...

Publicamos em nossa edição de janeiro deste ano o artigo Imortalidade e Fé, atribuindo, indevidamente, a sua autoria ao nosso colaborador Rogério Coelho. O erro decorreu do fato de estar o original do referido artigo — sem menção do nome do autor — na pasta em que são colecionadas as colaborações de Rogério Coelho, que aguardam publicação.

A Aprendizagem do Adulto na Sociedade Espírita

JOSÉ ANTÔNIO LUIZ BALIEIRO

Introdução

Próxima de século e meio da sua existência, a Doutrina Espírita vive momento de suma importância para a sua história. Passados os primeiros oitenta anos, onde tarefas foram desempenhadas no estilo da cátedra, baseadas em espíritos de escol, em ações individuais ou de pequenos grupos, evidente que com resultados que permitiram a sua chegada até aqui, vivemos, nos últimos cinqüenta anos, no impulso das ações coletivas, onde os grupos assumem papéis e se responsabilizam pelo futuro.

As tarefas de unificação marcaram a nova etapa. Fundamental para a evolução das sociedades o surgimento de campanhas voltadas ao ensino: na década de cinqüenta, em substituição ao velho catecismo, a evangelização infantil, transformada em campanha permanente anos mais tarde e, nos anos oitenta, o lançamento da Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita. Da criança, passando pelo jovem, ao adulto, o estudo em busca do conhecimento doutrinário passa a ser o grande objetivo.

Ganharam valor os princípios norteadores para uma aprendizagem significativa, fundamentados em pensamentos do professor francês C. Freinet, apontados em trabalho de Sandra Maria Borba Pereira e André Henrique Siqueira, da Federação Espírita do Rio Grande do Norte:

- (...) toda aprendizagem conduz a uma maior liberdade e autonomia;
- (...) toda aprendizagem deve encontrar sua fonte no indivíduo;
- (...) toda aprendizagem deve se basear no respeito às diferenças individuais;
- (...) toda aprendizagem deve se fundamentar na experiência pessoal;
- (...) toda aprendizagem se dá no tempo, (...).

Na mesma fonte, a indicação de que o estudo sistematizado da doutrina espírita, como também outras atividades de ensino enquanto prática pedagógica, é dirigido a indivíduos considerados adultos. Tendo como direcionamento os princípios e objetivos educacionais propostos pelo Evangelho de Jesus e pela Doutrina Espírita. Adultos, com vivências individuais e conflitos.

As diferenças manifestam-se em vários aspectos: físicos, materiais, étnicos, intelectuais, sentimentais, emocionais. Quanto maior o rol das diferenças, maior a necessidade de harmonização dos seres humanos, equilibrando pensamentos e emoções, favorecendo a avaliação dos conflitos e dificuldades da vida em grupo. Coordenadores de estudo assumem, diante do fato, novas responsabilidades, que preferimos tratar de maneira processual.

Aprendizagem de Adultos

A Pedagogia do Adulto (Andragogia) defende a idéia de que quanto maior a participação do treinando nas atividades, maior o nível de motivação para a aprendizagem e melhores os resultados. É a chamada aprendizagem de dentro para fora, em que as pessoas conseguem colocar em prática o que vivenciaram, pois mudam comportamentos, atitudes, ou até mesmo crenças e valores. O aprendiz adulto tem características que requerem um tipo de aprendizagem especificamente formulado para atendê-lo em suas necessidades:

- possui um ritmo diferente de aprendizagem, pelo desenvolvimento já alcançado e pelas experiências já vividas. Isto requer o uso de uma linguagem direta e de experiências concretas;
- ao contrário da criança, o adulto torna-se cada vez mais apto a se autodirigir e o processo acumulado de experiências vividas lhe dá condições para isto;
- sua prontidão para aprender torna-se fortemente orientada para as tarefas condizentes com seus papéis sociais. Uma vez que é capaz de identificar suas próprias necessidades de aprendizagem;
- embora possa adiar a satisfação de seus anseios, a perspectiva de ação imediata o diferencia virtualmente da criança aprendiz, no que se refere à necessidade de aplicar imediatamente os conhecimentos adquiridos. Portanto, deixa de ver a aprendizagem como algo centrado em matérias para passar a vê-la como fonte de solução de problemas da realidade.

Por tudo isso, o ritmo de aprendizagem do adulto requer uma metodologia participativa,

uma linguagem concreta e direta, além de situações não ameaçadoras de aprendizagem.

Pressupostos da Aprendizagem de Adultos

Para a avaliação das necessidades e anseios do ser humano, o Prof. Roberto Adami Tranjan, em seu ensaio “O processo da aprendizagem de adultos”, enumera alguns dos pressupostos da aprendizagem de adultos:

— Aprendizagem é uma experiência ativada pelo aprendiz e acontece dentro dele. Alunos não são ensinados, mas motivados a procurar conhecimento, competência e comportamentos novos.

— Aprendizagem é a descoberta de opiniões de relevância pessoal. Alunos aceitam e utilizam mais facilmente os conceitos que têm significado para eles e que são relevantes para as necessidades e desejos deles.

— Aprendizagem, às vezes, é um processo doloroso. Mudança de comportamento e posição demanda, às vezes, o abandono de formas antigas e confortáveis de acreditar, pensar e agir.

— Aprendizagem vem da experiência. As pessoas tornam-se independentes depois de ter experimentado independência, confiantes depois de ter experimentado confiança, responsáveis depois de ter experimentado responsabilidade.

— Aprendizagem é muito original e individual. Cada aluno desenvolve a sua própria forma de aprender e de resolver problemas. Quando exposto a métodos de outros, ele consegue aperfeiçoar suas formas e torna-se mais eficiente.

— O recurso mais rico da aprendizagem é o próprio aprendiz. A bagagem de experiência do aprendiz fornece abundantes recursos para solução de problemas de aprendizagem.

— Aprendizagem é tanto um processo emocional quanto intelectual. Aprendizes têm sentimentos assim como pensamentos. A aprendizagem é maximizada quando os alunos dizem aquilo que reflete o que eles pensam e sentem.

— Aprendizagem é um processo de colaboração e cooperação. Ajudar os outros a aprender requer um processo de interação e interdependência.

Processo vivencial de aprendizado

O modelo de processo para o aprendizado, crescimento e desenvolvimento do adulto passa por vários estágios. Todos somos ignorantes. Só que em assuntos diferentes. É impossível ao ser humano saber tudo. Mas reconhecer-se ignorante em alguma coisa já é um conhecimento, pois é abrir a porta para o aprendizado. Nossa maior ignorância é não saber que não sabemos. Arrogância é nos tornarmos cegos ao conhecimento.

O conhecimento começa com a confusão. Ao passarmos da fase da percepção para a fase do conhecimento, temos que passar pelo estágio da confusão. Muitas pessoas, quando chegam neste ponto, suspendem o aprendizado. Se os coordenadores soubessem disso e entendessem a importância dessa etapa do conhecimento, o aprendizado seria muito melhor. Verdade é que boa parte das pessoas não quer sair da região do conforto.

A plenitude do conhecimento não é saber tudo, mas saber bem. É quando estamos preparados para avançar para a fase da sabedoria. O conhecimento adquirido e a sua utilização dão condições para o melhor viver e a ensinar os outros.

A Sociedade que aprende

Há disciplinas que não constam dos currículos normais, úteis para a formação e desempenho da tarefa do coordenador, facilitadoras para o entendimento das necessidades das pessoas e que diminuem distâncias, tornando os conflitos mais abertos a avaliações e encaminhamentos. Peter Senge, em “A Organização que aprende”, relaciona algumas destas disciplinas:

1ª Disciplina: Objetivos Pessoais

Os objetivos pessoais englobam as habilidades de detectar o que nos é efetivamente importante e de observarmos a realidade a fim de conseguirmos perceber onde estamos e onde queremos chegar. Trata-se de criar a própria visão de futuro.

2ª Disciplina: Visão Compartilhada

A visão compartilhada é uma imagem do que desejamos construir em conjunto. É baseada em valores, interesses e aspirações compartilhados. É alimentada pelo conhecimento doutrinário e pelos fatores culturais e sociais da sociedade espírita. As decisões devem ser discutidas e tomadas em consenso, os colaboradores de todos os setores devem ser privilegiados e ouvidos em todas as situações.

3ª Disciplina: Modelos mentais

Trabalhar os modelos mentais é um exercício constante de desembaçar as lentes e quebrar os paradigmas. As lentes desembaçadas permitem que as pessoas criem uma imagem nova com relação à realidade, fazendo com que as ações sejam de melhor qualidade. Os paradigmas formam um dos principais obstáculos para o progresso de um grupo de estudos. Quebrar os bloqueios provocados pelos paradigmas é revitalizar o grupo para nova fase de desenvolvimento.

4ª Disciplina: Aprendizagem em equipe

O aprendizado em equipe é um processo de alinhamento e desenvolvimento da capacidade de um grupo em criar resultados e alcançar os objetivos traçados. O aprendizado em equipe tem cinco requisitos fundamentais:

- ambiente de confiança (eliminar pontos cegos e praticar feed-back);
- ambiente de diálogo (assertividade e regras de consenso);
- ambiente de solução de problemas e conflitos;
- ambiente de atividades inovadoras e criatividade;
- ambiente de união e fraternidade.

5ª Disciplina: Raciocínio Sistêmico

Cada participante deve estar ciente de suas ações e avaliar a sua contribuição para o todo e como está ajudando a casa a atingir seus objetivos. A simplicidade e a visão de conjunto são fundamentais para a convivência dentro de uma sociedade espírita.

Esta disciplina é a consolidação de todas as outras apontadas, pois na sociedade que aprende, o aprendizado a longo prazo é estimulado; acontecimentos inesperados são tratados como oportunidades para aprender e não como erros; confiança e franqueza, além da veracidade, são normas; o grupo trabalha em conjunto, discute idéias, aprende com o diálogo, cria novos padrões mentais e auxilia outras pessoas no aprendizado; enfoque é dado ao aprimoramento constante das pessoas, aos processos, trabalhos e serviços, todos estão voltados a tudo, o tempo todo; a sociedade busca expandir a sua capacidade de antecipar e criar o seu próprio futuro.

Conclusão

O Centro Espírita, como unidade prestadora de serviços, tem a tarefa urgente de se preparar para atender as suas finalidades. O estudo e o conhecimento doutrinário sensibilizam e preparam o trabalhador. Ferramentas auxiliares para esta preparação são a técnica de consenso; a técnica de ajuste; princípios do que faz uma reunião dar certo ou o que faz uma reunião dar errado; hábitos de avaliar reuniões e dar acompanhamento às tarefas, etc.

Adulto aprendendo como adulto, dentro das suas realidades: a pedagogia do adulto, com as novas disciplinas, aliadas à simplicidade e à visão de conjunto, fará a diferença. ●

Givaldo de Assunção Tavares

GÉRSO LUIZ TAVARES

Givaldo de Assunção Tavares nasceu na cidade de Taquaritinga do Norte, Estado de Pernambuco, no dia 28 de agosto de 1939, sendo o oitavo filho de Severino e Etelvina Tavares. O berço católico o conduziu e induziu à vida religiosa, tornando-se coroinha da Igreja local.

No dia em que completara 14 anos de idade, seu pai desencarnou. O irmão Alcides Tavares, que residia em Curitiba, convidou-o para transferir-se para aquela Capital.

Em Curitiba viveu a juventude, estudou e trabalhou no comércio. Casou-se com Marlene Tavares em 24 de novembro de 1962. O primeiro filho, Givaldo (Gil), nasceu em 1963.

Em maio de 1964 veio residir em Florianópolis, acompanhando o irmão e amigo Alcides, que já se encontrava na capital catarinense. Naquele mesmo ano, nasceu o segundo filho, Gérson Luiz Tavares, em 14 de julho, seguido de Sandra Tavares, em 10 de outubro de 1965 e, dez anos depois, Viviane Tavares, e os netos Karina, Sendy, Hiuberto Neto, Nicolás e Isabelle.

Trabalhou no mercado imobiliário de Florianópolis, como corretor e proprietário de imobiliária; nos últimos anos foi membro do Conselho Regional de Corretores de Imóveis (CRECI); também lecionou no Colégio Pio XII, voltado à formação de técnicos em contabilidade; membro da Maçonaria, reativou a Loja Maçônica Clementino de Brito.

Em 1964, motivado por ocorrências de natureza mediúnica, procurou a orientação da Terceira Revelação, junto ao Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo. Foi recebido por Oswaldo Mello, que o conduziu amorosamente nas orientações seguras das rigorosas diretrizes da Codificação. Fez-se médium e trabalhador daquela Instituição, sendo várias vezes seu presidente, além de outras funções que desempenhou.

Expositor dedicado, percorreu o Estado de Santa Catarina espalhando o pensamento espírita.

Integrado ao Movimento de Unificação, dirigiu o Conselho Regional Espírita, desempenhou função de Secretário, Diretor e Presidente da Federação Espírita Catarinense.

Coordenou a construção da sede do Centro Caminho da Redenção, de São José (SC), instituição que dirigiu até que nova equipe conduzisse as atividades. Assumiu temporariamente a presidência do Centro Espírita Seara do Amor, de Florianópolis, com objetivo de reorganizar as atividades da casa e estruturar as equipes de trabalhadores.

Animado com a possibilidade de melhor expandir a mensagem libertadora do Consolador, criou o programa radiofônico Na Era do Espírito, apresentado aos domingos pela Rádio Guarujá, e, depois de muito esforço, conseguiu levar para a televisão o programa Espiritismo, Uma Nova Era Para a Humanidade, exibido aos sábados, pela TV O Estado, repetidora do SBT.

No dia 13 de novembro de 1999, sábado, proferiu uma palestra no Centro Espírita Paz e Harmonia, de Itajaí, tendo abordado o tema "Imortalidade da Alma". Prosseguiu com suas atividades habituais nos dias seguintes. Na manhã de quarta-feira, dia 17, gravou o programa televisivo acima mencionado. Participou das atividades doutrinárias daquelas quarta e quinta-feiras, do C. E. Amor e Humildade do Apóstolo, para horas depois, na madrugada do dia 19, súbitas e superlativas dores exigirem a procura do recurso médico e conseqüente hospitalização. Os exames apontaram para inafastável cirurgia na intimidade do intestino, realizada no mesmo dia. Cinco dias depois (24), nova cirurgia impôs sua reclusão na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital de Caridade, até que o estado comatoso se caracterizasse na manhã do dia 4 de dezembro, culminando com a morte física no dia 6, às 20h15.

Desencarnou trabalhando, como sempre propôs ao espírita. ●

Seara Espírita

SANTA CATARINA: JORNADA ESPÍRITA

O Conselho Regional Espírita da 13ª Região, órgão da Federação Espírita Catarinense, promoveu a Jornada Espírita do Balneário de Camboriú, no período de 2 a 19 de janeiro passado, com palestras diárias. Falou na abertura Sandra Della Pola, de Porto Alegre (RS), e no dia 10, o Presidente da FEC, Telmo Souto-Maior. Nos demais dias, as palestras foram proferidas por expositores catarinenses e dos Estados do Paraná, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

*

COMENDA DA PAZ CHICO XAVIER

O Estado de Minas Gerais instituiu a Comenda da Paz Chico Xavier, pela Lei Estadual nº 13.394, de 7 de dezembro de 1999, destinada a homenagear pessoas físicas e jurídicas que se tenham destacado na promoção da paz, por meio de uma série de atividades voltadas para o bem-estar do ser humano e da Humanidade, enumeradas no artigo 2º da citada lei.

*

USE-SP: CONGRESSO ESTADUAL DE ESPIRITISMO

A União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo realizará na cidade de Bauru o seu 11º Congresso Estadual de Espiritismo, de 28 de abril a 1º de maio, que terá por objetivo incentivar a reflexão sobre a Doutrina Espírita e promover a união dos espíritas. O tema central — “O Espiritismo no 3º Milênio — Análise do Presente & Projeto do Futuro” —, que Divaldo Pereira Franco abordará na conferência de abertura, será desdobrado, para exposição e debate, em quatro módulos: Comunicação, Mediunidade, Educação e Unificação.

*

PORTUGAL: CONGRESSO NACIONAL DE ESPIRITISMO

Está programado para 28 a 31 de outubro deste ano, em Viseu, o 3º Congresso Nacional de Espiritismo, promovido pela Federação Espírita Portuguesa. O tema central — “Espiritismo/Cristianismo Redivivo — Novos Caminhos” — será desenvolvido através dos seguintes subtemas: 1. Ação Social; 2. Orientação ao Centro Espírita; 3. Evangelização Infante-Juvenil; União/Unificação do Movimento Espírita Português; 5. Humanização interna do homem segundo a Filosofia Espírita.

*

SERGIPE: II CONGRESSO ESPÍRITA

Já está programado para o período de 3 a 5 de novembro deste ano o II Congresso Espírita de Sergipe, com o tema: “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”. O objetivo do evento é a comemoração do cinquentenário da Federação Espírita do Estado de Sergipe.

SÃO PAULO: CASA TRANSITÓRIA

A Casa Transitória Fabiano de Cristo, Departamento Assistencial da Federação Espírita do Estado de São Paulo, comemorou seus quarenta anos de fundação com uma festividade no Clube Atlético Juventus, em 25 de janeiro deste ano, ocasião em que Divaldo Pereira Franco, orador do evento, recebeu o título de Cidadão Honorário de São Paulo, concedido pela Câmara Municipal, em 18 de abril de 1997.

*

SANTA CATARINA: FEC ELABORA PLANO DE AÇÃO 1999-2002

A Federação Espírita Catarinense preparou para o período 1999-2002 seu Plano de Ação para os Desafios do Terceiro Milênio, elaborado a partir das idéias e experiências colhidas nos seguintes eventos: “ I Encontro Catarinense de Presidentes de Instituições Espíritas”, de 16 a 18 de abril/99, quando se realizou o “I Fórum de Avaliação do Movimento Espírita Catarinense”, visita à União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ), nos dias 3 e 4 de maio/99, após a reunião anual da Comissão Regional Sul do Conselho Federativo Nacional da FEB.

*

CEARÁ: CAMPANHA PARA O ANO 2000

O Conselho Deliberativo da Federação Espírita do Estado do Ceará reuniu-se no dia 4 de dezembro de 1999, com a presença dos Presidentes e representantes das Casas Espíritas integradas à FEEC, ocasião em que foi aprovada a Campanha para o ano 2000 (Melhore o mundo, melhorando-se: leia, estude e vivencie o Evangelho de Jesus.

*

ALEMANHA: INSTITUIÇÃO ESPÍRITA

Funciona em Erkrath, cidade próxima de Dusseldorf, o Círculo de Amigos de Allan Kardec (“Frenndeskreis Allan Kardec”, em alemão), sob a direção de Henia Seifert, brasileira ali residente. O Círculo estuda, às quartas-feiras, as obras básicas “O Livro dos Espíritos” e “O Evangelho segundo o Espiritismo”. Seu endereço é: Gerhart-Hauptmannr-Str. 11F40699 Erkrath Alemanha.

*

RIO DE JANEIRO: MOCIDADES E FAMÍLIA ESPÍRITA

A União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ) promoverá, no período de 4 a 8 deste mês, dois eventos, ambos com o tema “Brasil e Espiritismo: compromisso com Jesus”: a XXI Confraternização de Mocidades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro e o VI Encontro Estadual da Família Espírita.

*

II ENCONTRO FEB / MOVIMENTO ESPÍRITA PERNAMBUCANO

A Federação Espírita Pernambucana promoveu em Gravatá, no dia 30 de janeiro, reunião do seu Conselho Federativo Estadual, dirigida pelo Presidente Carlos A. Dantas Valença, com a presença de representantes de 16, das 18 Áreas Federativas do Estado, durante a qual se realizou o II Encontro Federação Espírita Brasileira com o Movimento Espírita Pernambucano, que consistiu em um seminário sobre “Centro Espírita — Unidade Fundamental do Movimento Espírita” e uma palestra, apresentados por Altivo Ferreira, representante da FEB no evento.

REFORMADOR

PEDIDO DE ASSINATURA:

ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO:

Nome
Endereço
Bairro CEP
Cidade Estado
País Tel.:

* Se você deseja oferecer uma assinatura de presente a alguém preencha o quadro acima com os dados do presenteado e o quadro abaixo com seus dados.

Para cobrança: Nome
Endereço
Bairro CEP
Cidade Estado
País Tel.:

NOTA: O pedido de assinatura deve vir acompanhado do comprovante do pagamento da assinatura anual, no valor de R\$ 24,00.

O pagamento pode ser feito através de cheque nominal à Federação Espírita Brasileira, ou de ordem de pagamento, vale postal ou depósito na conta 9062-X — Agência 0265-8, do Banco do Brasil (enviando-nos o comprovante).

SEJA SÓCIO DA FEB

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA é instituição sem fins lucrativos, de caráter nacional, dedicada ao estudo e difusão da Doutrina Espírita, por sua divulgação e apoio ao Movimento Espírita nacional e internacional .

Associe-se à Instituição, como sócio contribuinte, colaborando para a tarefa a que se propõe realizar na causa do bem e na prática da caridade. Basta preencher este cupom e colocá-lo no correio; não precisa selar. A cada trimestre você decide o valor de sua contribuição. Indique a seguir o valor para o trimestre inicial: **R\$.....** *

Nome.....
Endereço CEP
Município..... Estado..... País.....
Tel.: () Celular () Fax
E-Mail..... Identidade..... CPF
Assinatura

* Valor mínimo trimestral de R\$ 15,00. Aguarde as boletas e instruções para pagamento.
Obrigado.